

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA - UNESP
Faculdade de Filosofia e Ciências - Campus de Marília

LEONARDO NUNES DE SOUZA

**O HISTÓRICO DA PRODUÇÃO E EXPORTAÇÃO DE SOJA NO BRASIL E A
CRESCENTE DEPENDÊNCIA PARA O MERCADO IMPORTADOR CHINÊS,
SEUS IMPACTOS E RISCOS**

Marília

2026

LEONARDO NUNES DE SOUZA

**O HISTÓRICO DA PRODUÇÃO E EXPORTAÇÃO DE SOJA NO BRASIL E A
CRESCENTE DEPENDÊNCIA PARA O MERCADO IMPORTADOR CHINÊS,
SEUS IMPACTOS E RISCOS**

Trabalho de Conclusão de
Curso apresentado à
Universidade Estadual Paulista
(UNESP), Faculdade de
Filosofia e Ciências, Marília,
para obtenção do título de
Bacharel em Relações
Internacionais.

Orientador(a): Prof. Dr. Marcos
Cordeiro Pires

Marília

2026

S729h

Souza, Leonardo Nunes de

O histórico da produção e exportação de soja no Brasil e a crescente dependência para o mercado importador chinês, seus impactos e riscos /

Leonardo Nunes de Souza. -- Marília, 2026

51 p. : il., tabs.

Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado - Relações Internacionais) -
Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Filosofia e Ciências,
Marília

Orientador: Marcos Cordeiro Pires

1. Relações Internacionais. 2. Comércio exterior. 3. Exportação de soja. 4.
Histórico econômico brasileiro. 5. Relação Brasil-China. I. Título.

LEONARDO NUNES DE SOUZA

**O HISTÓRICO DA PRODUÇÃO E EXPORTAÇÃO DE SOJA NO BRASIL E A
CRESCENTE DEPENDÊNCIA PARA O MERCADO IMPORTADOR CHINÊS,
SEUS IMPACTOS E RISCOS**

Trabalho de Conclusão de
Curso apresentado à
Universidade Estadual Paulista
(UNESP), Faculdade de
Filosofia e Ciências, Marília,
para obtenção do título de
Bacharel em Relações
Internacionais.

Área de Concentração: Economia brasileira

Data da defesa: 08/12/2025

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Marcos Cordeiro Pires

UNESP - Faculdade de Filosofia e Ciências - Campus de Marília

Prof. Dr. Vinicius Ruiz Albino de Freitas

Universidade Federal do ABC (UFABC)

Prof. Dr. Luis Antonio Paulino

UNESP - Faculdade de Filosofia e Ciências - Campus de Marília

Resumo:

Este estudo propõe analisar o desenvolvimento da produção e exportação de soja no Brasil, desde sua expansão inicial na década de 1970 até o significativo crescimento das exportações nos anos de 1990 e 2000. Nesse período, destaca-se o aumento considerável das exportações da commodity para a China, o que resultou na consolidação do Brasil como o maior exportador mundial de soja no início da década de 2010. A partir do estudo da trajetória das exportações brasileiras e da intensificação das relações comerciais com o mercado chinês, realiza-se uma análise sobre a dependência brasileira desse destino e as suas implicações econômicas de médio e longo prazo para o país.

Palavras-chave: cultivo de soja, exportação de soja, China, dependência econômica.

Abstract:

This study proposes to analyze the development of soybean production and exports in Brazil, from its initial expansion in the 1970s to the significant growth in exports during the 1990s and 2000s. During this period, the considerable increase in commodity exports to China stands out, which led to Brazil's consolidation as the world's largest soybean exporter by the early 2010s. By examining the trajectory of Brazilian exports and the intensification of trade relations with the Chinese market, the study conducts an analysis of Brazil's dependence on this destination and its medium and long-term economic implications for the country.

Keywords: soybean cultivation, soybean export, China, economic dependence.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	6
2 O HISTÓRICO BRASILEIRO COMO PAÍS AGROEXPORTADOR.....	11
2.1 As origens do modelo agroexportador.....	11
2.2 O modelo agroexportador no Brasil e seus ciclos.....	12
2.3 O declínio do ciclo do café e a expansão da industrialização.....	16
2.4 O auge da industrialização no Brasil e o retorno do modelo agroexportador.....	19
3 A ASCENSÃO DO BRASIL COMO PRINCIPAL EXPORTADOR DE SOJA NO MUNDO.....	21
3.1 O crescimento inicial da soja no Sul do Brasil.....	21
3.2 A expansão da soja para o Cerrado brasileiro.....	22
3.3 A importância do chamado “Matopiba” como uma nova fronteira agrícola para a soja.....	24
3.4 O papel das mudanças políticas e econômicas das últimas três décadas..	26
3.5 A cadeia produtiva da soja como combustível para a sua contínua expansão.....	27
3.6 As exportações de óleo e farelo de soja sob a Lei Kandir.....	29
4 OS NÚMEROS SIGNIFICATIVOS DO BRASIL NO MERCADO DE SOJA E A DEPENDÊNCIA PARA O MERCADO CHINÊS.....	34
4.1 Os impactos da pandemia de Covid-19 para a produção brasileira e o mercado internacional de soja.....	34
4.2 Principais destinos da soja brasileira e a alta demanda chinesa.....	36
4.3 As disputas comerciais entre China e EUA e os impactos no mercado de soja mundial.....	40
4.4 As alternativas do mercado de soja brasileiro frente à dependência das importações chinesas e o papel dos Planos Quinquenais da China.....	43
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	46
6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	48

1 INTRODUÇÃO

O cultivo da soja teve início há mais de dois mil anos atrás, no continente asiático, mais precisamente na China (Bento; Pirolla, 2008)¹. Somente no século XV, a oleaginosa foi introduzida na Europa, no entanto, a soja não se sedimentou como uma cultura no continente europeu, onde era utilizada comumente como um produto ornamental em jardins, desenvolvendo-se como um cultivo para alimentação em países tropicais e subtropicais, como os EUA, Brasil e Argentina, a partir de meados do século XX. Desde a década de 1950, a produção de soja aumentou 15 vezes e deslocou-se da Ásia para os três países citados, que agora respondem por 80% da produção global de soja (Ritchie, 2021 *apud* Voora *et al.*, 2024).

Desde o período colonial, inicialmente com a cana-de-açúcar, transitando pelo café, no Brasil Império/República, até os dias atuais, a partir da comercialização de outras commodities, entre elas, a soja, o Brasil sempre ocupou uma posição agroexportadora no sistema internacional.

No que se refere à conjuntura brasileira, o cultivo da soja se solidificou inicialmente no sul do país, mais precisamente no Rio Grande do Sul, de 1950 em diante, onde a commodity encontrou condições ideais para o seu desenvolvimento. “Com o passar do tempo, a soja foi ganhando prestígio, inicialmente ocupava cerca de 2,5% da área cultivada, porém em 1975 estava ocupando 40% desta área cultivada” (Bento; Pirolla, 2008, p. 17). A produção brasileira continuou a aumentar a partir de investimentos em tecnologia para adaptação da cultura a outras regiões do território nacional, processo liderado pela Embrapa (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária) (Bento; Pirolla, 2008). A partir das pesquisas desenvolvidas pela Embrapa, com base na tropicalização dos cultivos e a correção da acidez do solo, foi possível a produção de soja no Centro-Oeste do país (Vieira Filho, 2024). Essa transformação revolucionária marcou a história da soja em todo o mundo e promoveu a consolidação da soja no Centro-Oeste brasileiro.

¹No país asiático, o grão se tornou uma das bases da agricultura chinesa, ao lado do trigo, do arroz, da cevada, entre outros.

A partir de dados coletados entre 1991 e 2022, é possível visualizar o grande deslocamento regional da soja e o seu fortalecimento.

Conforme levantamento apresentado em (IBGE, 2022; CONAB, 2024 *apud* Vieira Filho, 2024, p. 7),

Em termos regionais, em 2022 o Centro-Oeste foi o principal produtor de soja, com participação acima de 50% e crescimento de dez vezes no período estudado. O Sul foi responsável por cerca de 21% da produção naquele ano. O Mato Grosso foi o maior produtor, com 31,5% da produção nacional de soja, seguido por Goiás (12,6%) e Paraná (11,4%). Em relação aos principais municípios produtores, destacaram-se Sorriso, MT (1,8% da produção nacional), Rio Verde, GO (1,4%), Formosa do Rio Preto, BA (1,3%), Campo Novo do Parecis, MT (1,2%) e São Desidério, BA (1,2%).

A partir da possibilidade vislumbrada e de todos os investimentos públicos e privados direcionados ao setor, a produção de soja passou a ser um fator central para o desenvolvimento econômico e para a balança comercial do país, através do alto volume exportado. Ademais, o cultivo da commodity foi fundamental para o desenvolvimento de uma complexa cadeia produtiva, visto que o grão é um insumo estratégico em diversos produtos derivados, como a manufatura de farelo, de farinhas, de óleos vegetais, de lecitina e de biodiesel (Vieira Filho, 2024).

Diante de todos estes fatores, nas últimas duas décadas, as exportações brasileiras aumentaram em cerca de 431%, tornando o país o maior exportador de soja em grão do mundo em 2013, a frente dos Estados Unidos e Argentina, além de tornar a soja o maior produto exportado pelo Brasil em termos de volume em 2023 (Colussi *et al.*, 2024).

Um dos principais fatores para o grande crescimento das exportações brasileiras de soja nas últimas duas décadas é o crescimento do consumo mundial, em especial diante do aumento substancial do consumo da commodity pela China, segunda maior economia do mundo desde 2010, quando ultrapassou o Japão (Tobace, 2011). Nos anos de 1980, a China aparecia como segundo maior consumidor mundial do grão, mantendo o ritmo nos anos subsequentes (Bento; Pirolla, 2008). Atualmente, a China é responsável por cerca de 60% das importações globais de soja, commodity

essencial para suprir as demandas do país, que registra um crescente aumento dos padrões de vida de uma população de cerca de 1,411 bilhão.

A partir deste aumento das importações de soja da China, verifica-se a crescente dependência das exportações brasileiras de soja para o mercado chinês. Por muitos anos, os EUA se mantiveram como o principal exportador de soja para a China, todavia, nos últimos 15 anos, diante das crescentes disputas comerciais entre os dois países, os estadunidenses cederam este posto ao Brasil, que continuou a aumentar a parcela de suas exportações da commodity destinadas ao país asiático, que buscava outros mercados para suprir a sua demanda interna. Deste modo, as exportações brasileiras com destino à China chegaram a um pico de 82% em 2018, mantendo-se em cerca de 73% de todo o grão exportado entre 2019 e 2023 (Colussi *et al.*, 2024).

Apesar dos resultados positivos do Brasil nas exportações de soja das últimas décadas, em grande parte, devido às vendas para o mercado chinês, análises indicam que as importações chinesas de soja tenham chegado ao seu apogeu. Conforme o Plano Quinquenal da Agricultura do governo chinês, o país tem como objetivo aumentar a sua produção interna de alimentos, entre eles, a soja, e diminuir a sua demanda por importações (Colussi *et al.*, 2024). Neste sentido, há uma grande probabilidade de que, em médio e longo prazo, as importações de soja da China diminuam significativamente, o que torna necessário ao Brasil buscar outros mercados para as suas exportações de soja, que atualmente, são fundamentais para a balança comercial do país.

Diante do que foi exposto até aqui, é apresentado no primeiro capítulo um breve histórico do Brasil como um país agroexportador, desde seus primórdios até o presente, com o grande destaque que a soja têm obtido na economia nacional. Além disso, é mostrado um breve histórico da oleaginosa e sua produção inicial no Brasil.

Já no segundo capítulo, é feita uma análise sobre a ascensão do Brasil como o principal exportador de soja em grão do mundo, processo que teve início na década de 1990 e que se realizou nos anos de 2010, onde é destacado o papel da China nesta conjuntura, como o maior importador de soja

em grão do mundo e principal importador da soja brasileira por uma ampla margem.

No terceiro capítulo, é discutido a dependência das exportações brasileiras de soja para o mercado chinês e as consequências deste quadro a médio e longo prazo, em especial, ao se considerar os planos políticos chineses para diminuir sua dependência da soja importada nos próximos anos. Por fim, nas considerações finais, é retomada a questão principal do texto e são reforçados os principais pontos discutidos, a fim de dar abertura para novas investigações que possam aprofundar o tema e discutir aquilo que está por vir.

A partir dos pontos discutidos ao longo do texto, o trabalho tem como objetivo analisar o histórico do cultivo e exportação de soja no Brasil, investigando a crescente dependência para o mercado importador chinês e discutindo seus principais impactos e riscos para a economia e a estrutura produtiva do agronegócio brasileiro.

Quanto à metodologia do trabalho, trata-se de uma pesquisa exploratória de natureza qualitativa e quantitativa. Utilizou-se para a abordagem do tema o método histórico-descritivo, o que permitiu compreender a evolução da economia brasileira ao longo dos séculos, o desenvolvimento da cadeia produtiva da soja desde os anos de 1970, e entender as mudanças no mercado internacional da commodity ao longo do tempo.

No que se refere aos procedimentos técnicos, utilizou-se a pesquisa bibliográfica, por meio da revisão de literatura especializada (livros, artigos e teses) sobre economia agrícola, comércio internacional de soja e a relação Brasil-China. A análise quantitativa baseou-se em dados secundários obtidos em fontes oficiais, como a Secretaria de Comércio Exterior (SECEX/COMEXSTAT), o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o Ministério da Agricultura e Pecuária (MAPA) e o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), para avaliar os fluxos de exportação e a balança comercial do complexo soja. O tratamento e a análise dos dados permitiram

identificar e descrever os padrões de dependência e os riscos associados ao mercado importador chinês.

2 O HISTÓRICO BRASILEIRO COMO PAÍS AGROEXPORTADOR

O modelo agroexportador teve sua origem no Brasil com o início do período colonial. Desde a chegada dos portugueses ao território em que hoje é o Brasil, a colonização, com base nos moldes mercantilistas de incentivo a exploração de novas terras para obtenção de riquezas, foi pautada na extração e comercialização de produtos primários ou básicos que tinham como destino a metrópole portuguesa e outros países (Silvestre, 2022). Entre os séculos XVI e XVIII, a colônia tinha como base um modelo escravista de agricultura. Durante o século XIX, período de transformações diante da Independência em 1822, há a chegada de um grande número de imigrantes e surge assim o trabalho assalariado (Furtado, 2005 *apud* Santos; Araújo, 2021). Já no século XX, tem início o processo de industrialização no país, que, apesar de seu grande crescimento durante a segunda metade do século, o modelo agroexportador manteve sua predominância.

2.1 As origens do modelo agroexportador

O termo agroexportador surge em estudos de história econômica. David Ricardo, economista britânico dos séculos XVIII e XIX, o desenvolve inicialmente em seus estudos de vantagens comparativas, onde o autor discorre sobre a especialização de países na produção de determinados produtos, como por exemplo, a especialização de Portugal na produção de vinhos e da Inglaterra em produtos têxteis (Ricardo, 1982 *apud* Silvestre, 2022).

A colonização europeia das Américas tornou o modelo agroexportador evidente, visto que subordinou o continente (colônia) à produção de produtos primários para exportação com destino à metrópole e a outros países. Silvestre (2022, p. 7) argumenta que,

[...] o modelo agroexportador inclui a dinamização da economia a partir da agricultura, pecuária e extrativismo animal, vegetal e mineral. Os produtos provenientes destas atividades econômicas permanecem

in natura ou passam por um pré-processamento para, em seguida, serem transacionados com o exterior.

Esse padrão agroexportador de colonização nas Américas ocorreu nas colônias portuguesas, espanholas, holandesas e inglesas. Vale ressaltar que também houve a ocorrência deste modelo na colonização de regiões da África e Ásia, havendo diferentes particularidades em cada caso.

2.2 O modelo agroexportador no Brasil e seus ciclos

No caso brasileiro, a ocupação do território ocorreu mediante a expansão portuguesa no Atlântico, fomentada pela Revolução Comercial. Neste sentido, a exploração da nova colônia sucedeu-se a partir da divisão do território brasileiro em capitanias hereditárias, estimulando o povoamento de cada um destes lotes de terras (Andrade, 2004 *apud* Silvestre, 2022). De acordo com Silvestre (2022), a história econômica do Brasil como um país agroexportador pode ser definida em ciclos econômicos. Ao não encontrar metais preciosos logo em sua chegada às novas terras, Portugal foi forçado a investir na agricultura, sedimentando sua presença e obtendo rendimentos dos novos territórios. Inicialmente, destacou-se a exploração exclusiva de pau-brasil, que perdurou de 1500 à 1532 (Simonsen, 2005). A exploração de pau-brasil durou cerca de 200 anos, entretanto, este período de menos de meio século foi fundamental para o estabelecimento da colônia e pode ser compreendido como o primeiro ciclo econômico agroexportador (Silvestre, 2022).

Diante dos baixos rendimentos obtidos através da exploração de pau-brasil, Portugal necessitava de novos produtos para explorar e exportar ao mercado europeu. Diante da alta demanda europeia pelo açúcar naquele período, aliada a experiência positiva dos portugueses com a produção desta especiaria em outras colônias, a Coroa decide investir fortemente na produção de açúcar nas terras brasileiras. Este período, que pode ser definido como o segundo ciclo agroexportador no Brasil, ocorreu entre os séculos XVI e XIX (Silvestre, 2022). Portugal já prevalecia no mercado internacional de açúcar

com base na sua produção no arquipélago da Madeira e em São Tomé. No entanto, a produção se tornou ainda mais significativa a partir de 1560 diante do advento da produção na colônia brasileira (Simonsen, 2005).

Simonsen (2005, p. 146) enfatiza os altos níveis da produção brasileira durante o período do segundo ciclo agroexportador,

O açúcar brasileiro dominou o comércio do produto entre 1600 e 1700, como já registrava Barlaeus na obra que escreveu, em 1660, e numa época em que era o mais importante artigo do escambo marítimo internacional. Não existiam ainda os grandes transportes de cereais, combustíveis, artigos manufaturados e metalúrgicos, não havia surgido a revolução industrial.

Estimulado pelo consumo europeu, que cresceu ininterruptamente a partir do século XVII, a produção de açúcar em terras brasileiras fez de Portugal o maior produtor e exportador de açúcar do mundo (Silvestre, 2022). A expansão do açúcar foi potencializada pelo crescimento do consumo do café, que se propagou desde meados do século XVII e que possui uma demanda interligada ao consumo do açúcar (Simonsen, 2005).

Em seus quase trezentos anos de vigência, o ciclo do açúcar se mostrou fundamental para o desenvolvimento de uma base econômica e para o estabelecimento definitivo dos portugueses no território. O Brasil deixou de ser uma colônia de exploração para se tornar uma fusão de exploração e povoamento. Vale ressaltar a imensa quantidade de escravos africanos que foram capturados e levados para o trabalho forçado na colônia durante este período.

Diante da redução dos preços do açúcar no final do século XVII e da crescente concorrência francesa e inglesa no mercado do produto em meados do século XVIII, o que resultou, por exemplo, na proibição da entrada do açúcar proveniente do território brasileiro na França. Neste sentido, a economia açucareira não se justificava mais do ponto de vista econômico (Silvestre, 2022). A baixa do açúcar coincidiu com o início da mineração, que, de acordo com Simonsen (2005, p. 147) “foi o que salvou Portugal e a sua grande colônia de uma crise de maiores proporções.” Diante disto, ocorre a movimentação de capitais e de escravos para as minas localizadas no interior do Brasil. Quanto ao açúcar, há um desenvolvimento moderado da produção durante o século

XVIII, que volta a se fortalecer no século seguinte, com o surgimento da revolução industrial no Brasil (Simonsen, 2005). Surge então o ciclo do ouro, o 3º ciclo econômico agroexportador do período colonial.

A utilização de metais preciosos como signos monetários desenvolveu-se ao longo da história, conforme o grau de progresso alcançado pelas sociedades. Diante dos ideais do Renascimento a partir do século XIV e a insuficiência industrial do período, a posse de metais preciosos passa a ter um valor significativo, possibilitando a obtenção de produtos incapazes de se produzir. Cresce então uma busca pelo ouro e pela prata, culminando na eclosão do mercantilismo (Simonsen, 2005).

No caso de Portugal e suas colônias, antes do Brasil, houve a exploração de ouro no continente africano, entre os séculos XV e XVI, que foi utilizado para a organização de expedições marítimas e para a compra de especiarias provenientes da Ásia (Simonsen, 2005).

Nas Américas, os metais preciosos foram explorados inicialmente pelos espanhóis. Até meados do século XV, a exploração espanhola ocorreu no México, Peru, nas Antilhas, e nas costas de Páris, Flórida e Santa Marta. Posteriormente, já na segunda metade do século XV, houve a exploração de minas de prata em território atualmente boliviano, no Cerro de Potosí. Entre 1650 e 1700, novas minas são descobertas pelos espanhóis na América do Sul. Por fim, entre 1700 e 1750, Portugal descobre minas de ouro em território brasileiro e inicia a exploração (Simonsen, 2005).

Inicialmente encontrado nas Minas Gerais, e posteriormente entre 1720 e 1726 nos estados de Mato Grosso e Goiás, o ouro e sua exploração interiorizou a colonização brasileira, criando redes logísticas e fortalecendo movimentos migratórios. O ciclo do ouro durante o século XVIII impulsionou a formação de enormes estoques de metais preciosos para a Coroa Portuguesa, proporcionando um século de grande riqueza para o Império (Silvestre, 2002).

Em cerca de 70 anos de exploração intensiva (1700 a 1770), a riqueza obtida da produção aurífera neste período foi a mesma que a atingida no restante das Américas entre 1493 e 1850. Nesta conjuntura, o Brasil exportava

o ouro para a metrópole, configurando-se, dessa maneira, um modelo econômico agroexportador, através do extrativismo mineral (Silvestre, 2002).

Tabela 1 - Produção de metais preciosos na América, entre 1492 e 1800

Período	Produção anual média em Libras
1492 a 1500	60.000
1500 a 1545	700.000
1545 a 1600	2.500.000
1600 a 1700	3.600.000
1700 a 1750	5.000.000
1750 a 1800	8.000.000

Fonte: Simonsen (2005, p. 319)

De 1780 em diante, a exploração de ouro entra em declínio (Furtado, 2003 *apud* Silvestre, 2022). Ressurgem assim, os debates na Coroa Portuguesa sobre as opções econômicas para as terras brasileiras. Diante deste impasse, se desenvolve uma grande instabilidade política, que resulta em algumas transformações históricas significativas na Colônia. Entre estas transformações, destaca-se a chamada “abertura dos portos” em 1808, que quebrou o monopólio comercial entre Portugal (metrópole) e o Brasil (colônia), possibilitando a entrada de produtos originários de outros países europeus, sobretudo a Inglaterra, que passa a ter uma crescente influência sobre o Brasil (Silvestre, 2022).

Já em 1822, ocorre a separação definitiva de Portugal, através da independência do Brasil. Apesar de sua relativa autonomia econômica para explorar novas atividades econômicas, o país recém formado manteve-se fortemente ligado à produção de produtos primários, como o algodão, açúcar, pau-brasil, cacau, entre outros. No novo império brasileiro que se formou, houve a expansão das oligarquias regionais através do interior do território, construindo assim um complexo mapa político nacional (Tavares, 1999 *apud* Santos; Araújo, 2021).

Em meados do século XIX, ganha força no comércio mundial o café, que chegou ao Brasil no início do século anterior. Segundo Simonsen (2005, p.480),

“Francisco de Melo Palheta trouxe de Caiena as primeiras sementes para o Pará, em 1723. Ali e no Amazonas cultivou-se o produto e exportou-se algum café no período colonial.” Ainda, de acordo com Simonsen (2005, p. 480),

A exportação do café só se tornou importante a partir de 1816. Entre esse ano e o de 1822, saíram, pelo porto do Rio de Janeiro, cerca de 2.600.000 arrobas. Não será exagerado, portanto, avaliar em cerca de 4 milhões de libras o valor total da exportação do café na era colonial, das quais mais de 80% pertencem ao período compreendido entre 1810 e 1822.

Nas décadas seguintes, a produção cafeeira aumentou substancialmente, tornando-se o maior produto exportado pelo país. Inicia-se o ciclo do café, o 4º ciclo agroexportador brasileiro (Silvestre, 2002). Conforme Simonsen (2005, p. 551), “Desta data em diante, o café passou a influir, decisivamente, na exportação brasileira, e em 1850 alcançávamos um total de £10.000.000.”

Mesmo após a independência, houve a manutenção do modelo econômico baseado na exportação de produtos primários, com destaque para o café, borracha, açúcar, peles e algodão. Na década de 1890, por exemplo, os produtos citados representaram cerca de 90% das exportações do Brasil. Neste sentido, desde o início da colonização das terras brasileiras pelos portugueses, até o começo do século XX, mais precisamente os anos de 1930, quando Getúlio Vargas assumiu a presidência, houve a implementação e consolidação do modelo econômico agroexportador, através da dependência do país em um produto primário específico (Silvestre, 2022).

2.3 O declínio do ciclo do café e a expansão da industrialização

Diante da Grande Depressão, crise iniciada nos Estados Unidos em 1929 e que se espalhou ao redor do mundo, o setor cafeeiro, que ainda era o produto hegemônico do comércio internacional do país naquele momento, entrou em colapso. Segundo Bento e Pirolla (2008, p. 24),

A depressão dos anos 30 causou um forte impacto negativo sobre as exportações brasileiras, cujo valor sofreu uma queda de US\$ 445,9 milhões em 1929 para US\$ 180,6 milhões em 1932. Além da redução

das receitas de exportação, a entrada de capital estrangeiro cessou quase completamente em 1932.

Neste sentido, o Brasil necessitava de um modelo de desenvolvimento econômico que não se limitasse às exportações de produtos primários. Esse momento de ruptura projetou as bases para a criação e o fortalecimento da indústria nacional (Silvestre, 2022). A partir disso, o país passa a construir suas bases industriais, movimento este, que perdurou até a década de 1970 (Ianni, 1986 *apud* Silvestre, 2022). A industrialização possibilitou a formação de um novo movimento de formação territorial do país, movimento este dinâmico, capaz de promover uma crescente integração da produção e a complementaridade entre as diferentes regiões brasileiras (Santos; Araújo, 2021).

Sobre o processo de recuperação diante da crise de 1929, Furtado (2005, p. 208) comenta que,

A recuperação, entretanto, veio rápida, e comparativamente forte. A produção industrial cresceu em cerca de 50 por cento entre 1929 e 1937 e a produção primária para o mercado interno cresceu em mais de 40 por cento, no mesmo período.

É possível descrever este período de quatro décadas (1930 a 1970), iniciado no governo Vargas, conforme Carlotto (2020, p. 8-9)

O período de 1930 a 1937, embora abra ao que se chamou de República Nova, o Estado Nacional promoveu mudanças nas relações trabalhistas e nas indústrias de base. No período de 1937 a 1945, conhecido como o da Ditadura do Estado Novo, o contexto da Segunda Guerra marcou o período de crescimento da intervenção estatal na economia, de industrialização acelerada e de crescimento do PIB. Embora a estrutura agrária permaneça inalterada. O período de 1945 a 1964, será caracterizado pela implementação do processo de substituição por importação. Os anos JK demarcam a urbanização (Brasília), aceleração na infraestrutura definida em planejamento e a fixação do paradigma industrial, como as multinacionais automobilísticas e da entrada na economia nacional do capital financeiro internacional.

Em 1964 ocorre o golpe militar no país. Segundo Carlotto (2020, p. 9), os primeiros 6 anos da Ditadura (1964-1970) podem ser descritos da seguinte forma,

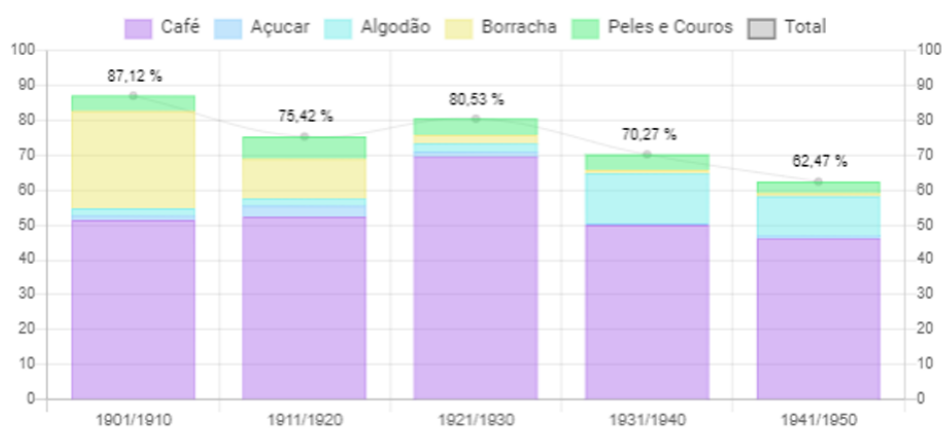
Período em que se mantem o processo de substituição por importações, com acentuada tendência a internacionalização da economia. Ajustes econômicos para conter o processo inflacionário e o endividamento externo acelerados. Início do processo de mecanização do campo, visando expansão e integração às grandes cadeias de valor do capitalismo, baseado em extensas organizações

regionais para a monoculturas agroexportadores e com aceleração da agropecuária.

Em suma, a industrialização brasileira ocorrida entre 1930 e 1970 buscou prioritariamente fortalecer o mercado interno do país, por meio da política de substituição das importações. Apesar da implementação de uma indústria de base, máquinas e equipamentos, houve a manutenção de investimentos em terras e na estrutura agrária do café, o que fez com que o produto se mantivesse como líder das exportações brasileiras (Silvestre, 2022).

Conforme o gráfico abaixo, é possível verificar que mesmo após o fortalecimento da industrialização a partir de 1930, o café manteve sua dominância nos registros de exportações brasileiras ao lado de outros produtos primários, como algodão, borracha, açúcar, peles e couros. Neste sentido, a manutenção da renda monetária do setor de exportações se deve, em grande parte, devido à contínua expansão do café (Furtado, 2005). Na década de 1940, por exemplo, somente o café representou 46% das exportações do Brasil (Silvestre, 2022).

Gráfico 1 - Principais Produtos Brasileiros Exportados, 1901 - 1950



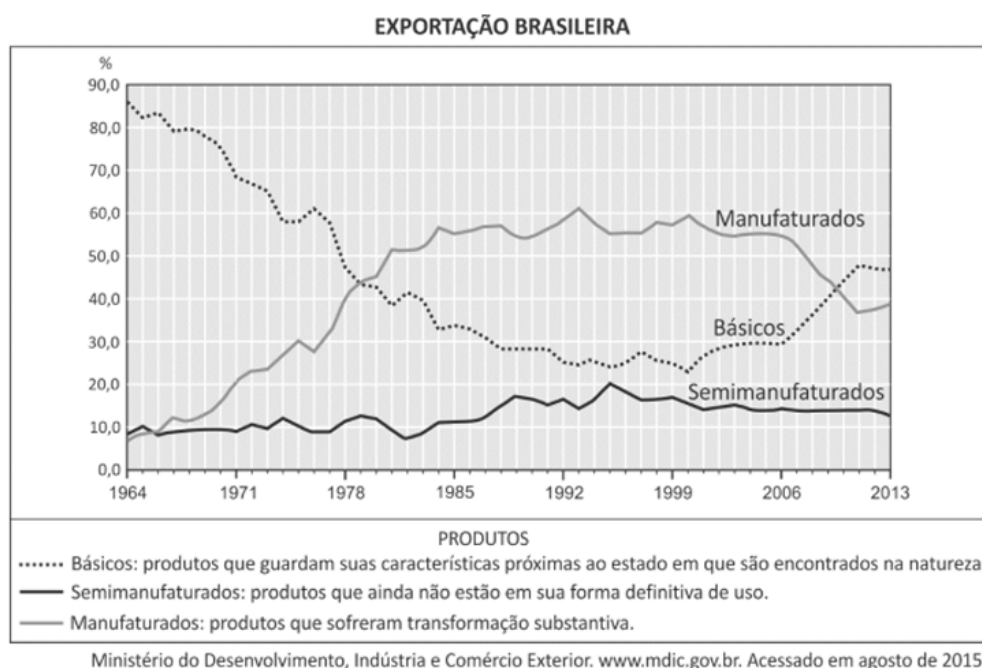
Fonte: Silvestre, 2002 (p. 15)

No período pós-guerra, a produção de produtos primários e a industrialização continuaram a apresentar números crescentes. “A taxa de crescimento anual entre 1947- 62 foi superior a 6%, enquanto o produto agrícola aumentou 128% neste período, o produto industrial aumentou 262%” (Bento; Pirolla, p. 28).

2.4 O auge da industrialização no Brasil e o retorno do modelo agroexportador

Já na década de 1970, a industrialização passa a mostrar bons resultados, aumentando a sua participação na pauta de exportação. Nas duas décadas subsequentes, a manufatura continuou em alta, mantendo-se com números de participação nas exportações superiores à 50% durante toda a década de 1990. (Silvestre, 2022). Mesmo diante da alta da manufatura neste período (1970-2000), as exportações de produtos primários permaneceu obtendo números consideráveis, conforme é possível verificar na Figura 1. Com a virada do século, há um declínio da participação da indústria no comércio internacional e a expansão agrícola, com um acelerado crescimento das exportações de commodities. É importante ressaltar que ainda na década de 1970, surge a concepção agrícola do agronegócio no Brasil, com o incremento da exportação de soja, que será o tema de discussão do próximo capítulo e que irá figurar como uma das principais commodities exportadas pelo país posteriormente, sobretudo a partir dos anos de 1990. A concepção agrícola no Brasil incluiu diversos atributos da chamada Revolução Verde, movimento que surgiu na década de 1960 e que, de acordo com Oliveira (2004, p. 144) contemplou,

[...] avanços no setor industrial agrícola e das pesquisas nas áreas da química, mecânica e genética, iniciados nos anos 1960 e intensificados na década seguinte, que culminaram com um dos períodos de maiores transformações na história recente da agricultura e da agronomia, participando decisivamente para a modernização agrícola.

Figura 1 - Exportação Brasileira, por Produtos, 1964-2013

Fonte: Silvestre (2022, p. 17)

Outras inovações agrícolas ocorreram nos anos subsequentes, tornando o sistema agrícola brasileiro cada vez mais mecanizado, fertilizado, e com o auxílio de insumos (Mazoyer e Roudart, 2010 *apud* Ferreira et al., 2019). É neste cenário de potencialização tecnológica que a produção de commodities, em especial a soja, cresce substancialmente no país. Apesar do crescimento da industrialização verificado a partir de meados do século XX, o modelo agroexportador se manteve dominante durante praticamente toda a história do país, iniciada com a colonização portuguesa no século XVI, até a atualidade. No próximo capítulo, será aprofundada a discussão sobre a soja, que como mencionado, tem seu desenvolvimento fortalecido a partir dos anos de 1970.

3 A ASCENSÃO DO BRASIL COMO PRINCIPAL EXPORTADOR DE SOJA NO MUNDO

A ascensão do Brasil no mercado internacional da soja está inerentemente ligada ao grande crescimento da demanda pela commodity nas últimas décadas, demanda esta provocada, principalmente, pelo crescimento das economias da Ásia, Leste Europeu e ex-URSS. Entre os países das regiões citadas, a China se destaca como o principal mercado consumidor. De acordo com Bento e Pirolla, “A China, nos últimos anos, mais precisamente na década de 1980 aparecia como o segundo maior consumidor mundial e manteve o surpreendente ritmo de evolução (2008, p. 30).

Diante do aumento dos padrões de vida chineses desde os anos de 1980, em especial, a partir do século XXI, a demanda pela oleaginosa aumentou em níveis extremamente altos. De acordo com Colussi *et al.*, (2024, p. 3, tradução nossa),

A dinâmica do comércio global de soja permanece fortemente influenciada pela China, que é responsável por cerca de 60% das importações mundiais de soja. As importações chinesas de soja são impulsionadas pela demanda por proteína animal e óleos comestíveis, dois componentes fundamentais de uma dieta chinesa diversificada que reflete o aumento do padrão de vida. A China predominantemente adquire seus suprimentos de soja do Brasil e dos Estados Unidos. Por muitos anos, os Estados Unidos foram o principal fornecedor, mas nos últimos 15 anos a China tem dependido mais das importações da América do Sul, especialmente do Brasil.

Com base neste cenário de grande crescimento do consumo de soja no mundo, sobretudo pela China, é essencial compreender o histórico do Brasil neste mercado, até se tornar o maior produtor e exportador de soja em grãos do mundo e quais são seus impactos na economia brasileira.

3.1 O crescimento inicial da soja no Sul do Brasil

De acordo com pesquisas da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), um dos primeiros registros da produção de soja no Brasil ocorreram no início do século XX, quando o Instituto Agrônomo de

Campinas-Estado de São Paulo (IAC), distribuiu sementes da oleaginosa entre os produtores do Estado, além de providenciar instruções sobre métodos de plantio e adubagem (Bento; Pirolla, 2008). No entanto, como mencionado anteriormente, foi no Estado do Rio Grande do Sul que a commodity cresceu significativamente.

A produção comercial no Estado foi iniciada em 1936, todavia, foi a partir da década de 1950 que passou a representar uma cultura importante para o Estado gaúcho. A expansão ocorreu majoritariamente na região do Alto Uruguai, no nordeste do Rio Grande do Sul. Posteriormente, espalhou-se para o oeste, na região de Missões, e durante os anos de 1960, para o restante do Estado (Bento; Pirolla, 2008). Neste período de 1960, o trigo era a principal cultura produzida no Sul do país, sobretudo, devido à política de subsídios vigente na época, que beneficiava a produção do grão. Neste sentido, a soja surge como uma cultura de verão, ou como uma "cultura de entressafra" (Bertrand; Laurent; Leclercq, 1987 *apud* Bento; Pirolla, 2008). Importante citar que os outros programas de incentivo governamentais que a produção de trigo obteve nessa época, como a criação de linhas de crédito para financiamento da produção e aquisição de insumos necessários possibilitou a existência de uma agricultura consideravelmente mecanizada e eficiente, o que também beneficiou a cultura da soja, visto que a mesma possui muitas semelhanças com a produção do trigo (Bento; Pirolla, 2008).

Já no Estado do Paraná, a produção passou a crescer durante os anos de 1950. Em 1974, a oleaginosa já era um dos produtos com maior capacidade de geração de renda na agricultura do Estado. Há, deste modo, duas regiões específicas onde a produção ocorre em alto volume, o Norte e o Sudoeste do território paranaense (Zockun 1980 *apud* Bento; Pirolla, 2008).

3.2 A expansão da soja para o Cerrado brasileiro

Durante a década de 1970, mais precisamente em 27 de junho de 1973, ocorre uma grande oscilação do preço da soja no mercado internacional, como

resultado do embargo provisório aplicado pelos EUA (principal produtor da commodity) sobre exportações de grão e de torta de soja. Com o fim do embargo em 2 de julho, há um crescimento substancial dos preços. A crise demonstrou ao mercado internacional os riscos da dependência em relação à soja americana. Diante desta conjuntura, Brasil, Argentina e Paraguai investem significativamente na produção de soja, o que fez com que se tornassem rivais dos EUA no setor nas décadas subsequentes (Bento; Pirolla, 2008). No caso brasileiro, estes investimentos em tecnologia e eficiência na produção do grão foram providenciados, em especial, pela Embrapa.

A ocupação do bioma do Cerrado, a partir de pesquisas desenvolvidas nos anos de 1970, pela Embrapa, foi uma espécie de divisor de águas para que o Brasil se tornasse o maior produtor de soja em grão futuramente. As pesquisas da instituição no seu Centro de Pesquisa Agrícola do Cerrado (CPAC) eliminou todos os questionamentos quanto à viabilidade da produção no bioma. Neste sentido, a correção da acidez do solo e a tropicalização dos cultivos foram fatores essenciais para o sucesso da produção no Cerrado (Vieira Filho, 2024). Em 1975, a produção de soja em grão no país era de 8,7 milhões de toneladas (IBGE, 2024 *apud* Vieira Filho, 2024). Em 2022, a produção total da commodity foi de 154,6 milhões de toneladas. (Conab, 2024 *apud* Vieira Filho, 2024).

Vale ressaltar que, para o sucesso do desenvolvimento da soja no Cerrado, a cooperação internacional obtida pela Embrapa foi um fator essencial, pois possibilitou o compartilhamento de conhecimento e tecnologia para posterior adaptação e aplicação ao caso brasileiro. De acordo com Vieira Filho, 2024 p. 2),

Entre as instituições estrangeiras que colaboraram nessa dinâmica de cooperação técnico-científica, estão o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (Usda), o Instituto Nacional de Pesquisa Agrônômica (Inra), o Centro Internacional de Pesquisa Agrônômica para o Desenvolvimento (Cirad) e o Instituto de Pesquisa para o Desenvolvimento (IRD), franceses, e a Agência de Cooperação Internacional do Japão (Jica).

Diante disso, segundo Vieira Filho (2024, p. 2),

A produção de soja é central no desenvolvimento econômico do Brasil. O cultivo do grão foi capaz de construir uma complexa cadeia produtiva, que engloba a produção primária e a transformação

industrial, bem como a produção de carnes em geral. Em todos os elos da cadeia, o País exporta muito, mas também internaliza grande parte do consumo.

Além dos avanços tecnológicos possibilitados pelas pesquisas da Embrapa e outras instituições, outros fatores contribuíram para o estabelecimento da soja como uma importante cultura no Centro-Oeste do país. Atualmente, a região é indiscutivelmente a maior produtora da commodity agrícola no Brasil.

Entre estas outras causas do forte crescimento da soja no cerrado, está a construção de Brasília e sua inauguração em 21 de abril de 1960. A fundação da nova capital do país ocasionou inúmeras melhorias infraestruturais na região, incentivos fiscais para a abertura de novas áreas de produção, aquisição de maquinário, além da construção de armazéns (Bento; Pirolla, 2008).

Há outros aspectos de cunho geográfico que também favoreceram a produção da oleaginosa no Cerrado, como a topografia da região, que por ser predominantemente plana ou suavemente ondulada, propiciou o uso de máquinas e equipamentos de grande porte, resultando na economia de mão de obra e maior eficiência nos procedimentos de preparação do solo para o plantio. O tamanho da região também é um fator a se considerar, visto que o Cerrado cobre cerca de 25% do território brasileiro (Soft Commodities Forum, 2020). Por fim, vale ressaltar que a grande maioria dos produtores da região são oriundos do Sul, experientes e com alto nível tecnológico e econômico, o que potencializou a produção no Centro-Oeste desde o seu início (Bento; Pirolla, 2008).

Dados recentes demonstram a predominância do Centro-Oeste na produção nacional de soja, fruto de todo o trabalho de pesquisas em tecnologia e cultivo desenvolvidos nas últimas décadas. “Hoje, o Cerrado corresponde a 48% da área plantada com soja no Brasil. Em 2022, a soja ocupava 11% da área do bioma” (Exame, 2024).

3.3 A importância do chamado “Matopiba” como uma nova fronteira agrícola para a Soja

Além das regiões Sul e Centro-Oeste, nas últimas décadas a soja tem se expandido para o Norte e o Nordeste do país, em uma nova fronteira agrícola que veio a ser chamada de “Matopiba”. Segundo Loayza *et al.* (2023, p. 27826),

O surgimento do Matopiba foi impulsionado pela necessidade de incorporar novos territórios, pelo capital, para garantir sua reprodução. O governo oficializou essa região por meio do Decreto Presidencial nº 8.447/2015, que estabeleceu o Plano de Desenvolvimento Agrícola do Matopiba e criou um comitê gestor, objetivando monitorar a produção de soja nessa área em expansão geográfica (Luz *et al.*, 2019).

A região, que compreende 337 municípios dos estados do Maranhão, Piauí, Tocantins e Bahia tem recebido destaque devido às características favoráveis ao cultivo do Cerrado e o uso de alta tecnologia agrícola (Freitas, 2011). Neste sentido, diversos produtores de outros estados são atraídos pela região, interessados na grande área para cultivo disponível na região e seus preços baixos.

De acordo com Freitas (2011, p. 8-9),

Segundo o levantamento da Conab realizado em setembro de 2010, a produção baiana de soja na safra 2009/10 atingiu 3,1 milhões de toneladas em pouco mais de 1 milhão de hectares cultivados, o que representou um aumento de 28,6% e 7,3%, respectivamente em relação à safra 2008/09. No mesmo levantamento, os estados do Maranhão, Piauí e Tocantins, juntos contribuíram com uma produção de 3,27 toneladas de soja na safra 2009/10, havendo um acréscimo de 25,8% na produção desses estados em comparação à safra 2008/09 (Conab, 2010).

Conforme a previsão de Freitas, a produção cresceu nos anos subsequentes (Freitas, 2011). Os números significativos da produção do Matopiba podem ser verificados a partir de levantamento de Loayza *et al.* (2023, p. 27833), onde observou-se os dados de produção em toneladas de soja entre os anos de 2010 e 2021,

No ano de 2010, o país produziu o equivalente a 68 milhões de toneladas, ao mesmo tempo em que a região do Matopiba participou com cerca de 9,2% na produção do país naquele ano, com 6,2 milhões de toneladas. Até o ano de 2016 a região do Matopiba apresentou oscilações quanto à sua participação na produção total, no entanto, a partir do ano seguinte assume uma trajetória de crescimento chegando a apresentar uma participação de 13,4% na produção de soja do país no ano de 2021, com volume produzido em torno de 16,1 milhões de toneladas.

Da mesma forma, também foi constatado por Loayza *et al.* (2023, p. 27833) a expansão da área de soja plantada na região,

[...] passando de cerca de 2,2 milhões de hectares no ano de 2010, para aproximadamente 4,58 milhões de hectares em 2021, ou seja, apresentando uma variação percentual de cerca de 107,7% entre os respectivos anos.

Diante do exposto, o Matopiba, com base em seus fatores favoráveis próprios do bioma do Cerrado, como a topografia plana, regime pluviométrico e clima propícios à cultura sojícola, aliado ao grande interesse de produtores já familiarizados com a produção da oleaginosa, possui um grande potencial de continuar a aumentar a sua presença nas estatísticas de produção da commodity no Brasil.

Vale ressaltar, no entanto, que assim como em outras localidades, a produção de soja no Matopiba é controlada, em maior parte, por grandes empresas, dificultando a atuação de pequenos produtores. Desta forma, se faz necessário buscar alternativas mais sustentáveis e socialmente justas para o desenvolvimento agrícola, tais como o incentivo à agricultura familiar e à produção ecológica, visto que, abordagens como estas promovem a defesa do meio ambiente e das comunidades locais (Loayza *et al.*, 2023).

3.4 O papel das mudanças políticas e econômicas das últimas três décadas

Com o fim do Período Militar e a transição dos anos de 1980 para a década de 1990, ocorreram grandes transformações políticas e econômicas no Brasil. Nos primeiros anos da década de 1990, o país vivenciava uma alta na inflação. Como solução, houve em 1994 a implantação do chamado Plano Real, que obteve sucesso em reduzir as taxas inflacionárias (Bento; Pirolla, 2008). Houve a liberalização econômica e financeira da economia. Além disso, foi estabelecido uma âncora monetária e cambial baseada na taxa de juros elevada (Vieira Filho, 2024).

A entrada da China na Organização Mundial do Comércio (OMC) e o já mencionado crescimento das economias emergentes fez subir o consumo de alimentos e pressionou os preços das commodities. O Brasil, como grande exportador de produtos agrícolas, beneficiou-se destes fatores. Outros acontecimentos também influenciaram a economia brasileira, sobretudo o comércio da soja, em diferentes níveis, tanto de forma positiva quanto negativa, como a crise americana de 2008, a ampla crise econômica vivenciada pelo Brasil durante grande parte da década de 2010, a guerra comercial entre China e EUA, a pandemia da Covid-19, o conflito entre Rússia e Ucrânia, entre outros.

Diante destes eventos internos e externos, no que se refere ao agronegócio, segundo Vieira Filho (2024, p. 3),

As mudanças institucionais que ocorreram nas últimas três décadas no Brasil foram enormes. É fato que o agronegócio brasileiro se transformou bastante nesse período. O País passou a ter uma economia com preços estabilizados, houve melhoria das políticas públicas de apoio ao setor agropecuário e a economia se diversificou.

Ainda, de acordo com Vieira Filho (2024, p. 3)

No lado econômico, destacaram-se a reestruturação do Sistema Nacional de Inovação, a solução dos problemas de infraestrutura logística (transporte, armazenagem e distribuição) e a consolidação e o acesso aos mercados internacionais, bem como o aumento da eficiência das políticas agrícolas (crédito, seguro e extensão rural) e das políticas de segurança e estabilidade jurídica. No lado social, seria preciso combater a pobreza rural e promover a diversificação da riqueza. A análise dos dados mostra que esses desafios são minimizados com o avanço da produção da cadeia de soja no Brasil.

A cadeia produtiva que se desenvolve ao redor da soja é um componente essencial para entender a importância da oleaginosa para a economia brasileira, o contínuo investimento em sua produção e a complexidade do setor agropecuário.

3.5 A cadeia produtiva da soja da soja como combustível para a sua contínua expansão.

Para compreender os números da cadeia produtiva da soja, primeiramente é preciso destacar os números da produção da oleaginosa nas últimas três décadas. De acordo com Vieira Filho (2024, p. 4),

Enquanto em 1991, a produção de soja foi de 19,4 milhões de toneladas, em 2022 a safra do grão ficou em torno de 154,6 milhões de toneladas. Nesse mesmo período, de 1991 a 2022, a produção de grãos no Brasil saltou de 68,4 milhões de toneladas para 319,8 milhões de toneladas. Enquanto a produção de soja foi multiplicada, aproximadamente, por oito nesse período, a produção de grãos cresceu cerca de 4,7 vezes. Portanto, é nítido que o produto soja tem características que o destacam no conjunto da produção nacional de grãos.

Diante do crescimento anual significativo da produção de soja sucessivamente, há, cada vez mais, o aumento das exportações da commodity, principalmente, devido à sua importância como principal proteína vegetal produzida em todo o mundo. Conforme Vieira Filho (2024, p. 4),

[...] em 1991, do total de 19,4 milhões de toneladas produzidas, 18,9% foram para exportações, enquanto 71,5% foram processadas na economia doméstica – rações, óleos vegetais e uma infinidade de outros produtos. Uma pequena parte da produção de soja, cerca de 9,6%, foi destinada à composição de estoques e sementes. Em 2022, a produção de soja alcançou o seu maior valor, de 154 milhões de toneladas. As exportações representaram 63,0%, e o processamento do grão, 33,2%. Outros 3,9% corresponderam a estoques e sementes.

Essa soja processada é transformada em farelo, ração, farinha, óleo, biodiesel e plástico, além de outros produtos. No que se refere ao biodiesel, “estima-se que o óleo de soja representa mais de 80% da matéria prima utilizada para a produção de biodiesel, seguido por gordura bovina (12,4%) e óleo de algodão com 2,1% (ANP, 2011, *apud* Freitas, 2011, p. 7)”. Deste modo, a soja é crucial para a produção de biodiesel no Brasil, o que colabora para que o país atinja as suas metas de redução de emissões de gases de efeito estufa (GEE), já que o mesmo é considerado um combustível biodegradável.

No caso do farelo de soja, de 1991 a 2022, “a produção de farelo saltou de 11,3 milhões para 43,3 milhões de toneladas” (Vieira Filho, 2024, p. 4). Neste sentido, o farelo da oleaginosa é fundamental para a produção de carnes, um dos principais produtos da cadeia produtiva que se desenvolve com base na soja. Com o aumento da produção do farelo de soja, produto primordial para a preparação das rações de consumo animal, houve um crescimento significativo na produção de carne brasileira.

Segundo levantamento de Vieira Filho (2024, p. 4),

As produções de carnes bovina e de frango mais do que dobraram de 1991 a 2022. A exportação de carne suína aumentou significativamente no tempo. Embora o País tenha exportado cada vez mais, há crescimento absoluto do consumo interno. No que diz respeito às carnes, a parcela da produção destinada ao consumo interno ainda é bastante elevada: carne bovina, 72,2%; carne suína, 69,7%; e carne de frango, 69,3%.

Assim, diante do alto nível de tecnologia na produção da soja e dos outros produtos que pertencem à sua complexa cadeia produtiva soja, é evidente que a agricultura é capaz de gerar um grande valor agregado, além de promover renda e emprego (Vieira Filho, 2024).

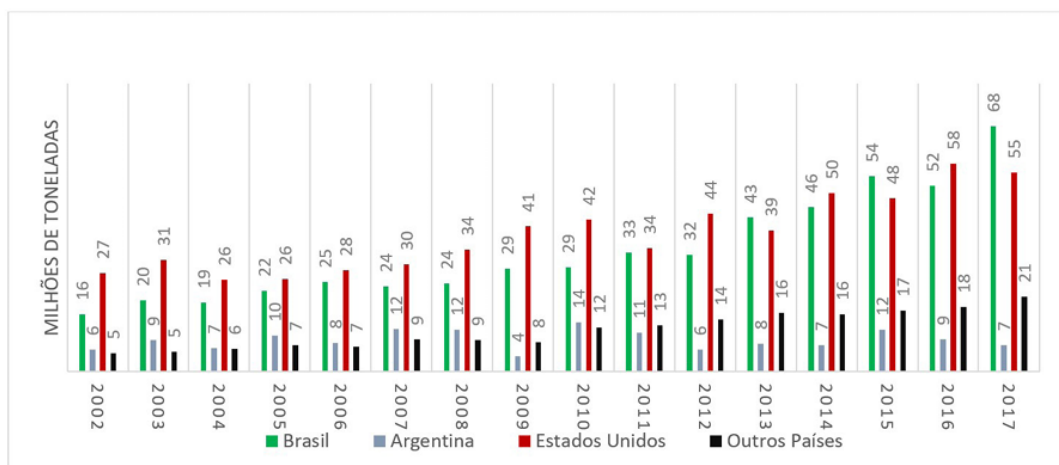
3.6 As exportações de óleo e farelo de soja sob a Lei Kandir

Os altos índices de exportação brasileira de soja ocorrem, em grande parte, através das exportações de soja em grão. No período de 2004 a 2017, o Brasil e os Estados Unidos foram os países que mais aumentaram suas exportações de soja em grão. De acordo com Figueira *et al.* (2023, p. 9),

A quantidade de soja em grão exportada pelo Brasil passou de aproximadamente 16 milhões de toneladas em 2002 para cerca de 68 milhões de toneladas em 2017. Já as exportações dos Estados Unidos aumentaram de 27,4 milhões de toneladas em 2002 para aproximadamente 55 milhões de toneladas em 2017.

Neste mesmo período, a Argentina, que junto de Brasil e EUA figura como um dos maiores exportadores da commodity no mundo, foi um dos países com o menor índice de crescimento no que se refere à soja em grão (Figueira *et al.*, 2023). Na figura 2, é possível observar os números dos três principais países, e de outros países exportadores.

Figura 2 - Exportações anuais de soja em grão entre os anos de 2002 e 2017



Fonte: Food and Agriculture Organization of the United Nations (FAO), 2019
apud Figueira *et al.*, 2023

Apesar dos altos índices de exportação de soja no geral, há uma predominância das exportações brasileiras da commodity em grão, em detrimento do óleo e do farelo de soja, que possuem maior valor agregado. Isso ocorre, em certa medida, devido ao surgimento da Lei Kandir. Segundo Santos; Abrita (2017, p. 2), a lei, implementada em 1996,

[...] desonera as exportações de produtos básicos e semi-elaborados de ICMS, estimulando a exportação de soja em grão em detrimento dos subprodutos farelo e óleo, que têm maior valor adicionado e parte em função da reorientação da pauta de exportações a países como a China, que pratica escalada tarifária, taxando menos o produto de baixo valor agregado e aumentando a tarifação na importação de produtos que tenham valor agregado mais alto.

Neste sentido, visto que a China é o principal consumidor da soja brasileira, há um favorecimento, por parte dos produtores brasileiros, às exportações de soja em grão. Através de uma análise das estatísticas das exportações de soja em grão, farelo e óleo antes e após a efetivação da Lei Kandir, Santos e Abrita (2017, p. 13-14) chegam à seguinte análise no que se refere às exportações de soja em grão,

[...] no primeiro período, a média de participação do Brasil na exportação de grãos no mundo era de 11% enquanto que no segundo período o Brasil detinha 26% do mercado mundial, isso pelo menos à princípio, indica que a Lei Kandir pode ter estimulado a exportação do produto in natura em detrimento da exportação de óleo e farelo, que possuem maior valor agregado.

A partir disso, Santos e Abrita (2017, p. 14) comparam os números da soja *in natura* nos dois períodos com as estatísticas do óleo e do farelo de soja nos mesmos dois momentos,

Enquanto que na média do período até 1996 o Brasil detinha 22% do mercado mundial de óleo e 31% do mercado de farelo de soja, no período posterior a 1996 o Brasil deteve, em média, 21% do mercado de óleo e 25% do mercado de farelo.

Com base nos dados apresentados, o impacto da Lei Kandir nas exportações de soja em suas diferentes formas se mostra evidente. Através da Tabela 2, é possível visualizar em detalhes as estatísticas das exportações de soja em grão, farelo e óleo anualmente durante o período analisado. Ademais, a escalada tarifária utilizada pela China e também por outros importadores também impacta significativamente o mercado.

Tabela 2 - Participação do Brasil no Comércio Mundial de Soja e Peso da China como País de Destino

Produto	Soja em Grãos		Óleo de soja		Farelo de soja	
	% Exportado à China (Soja em Grãos)	% Brasil/Mundo (Soja em Grãos)	% Exportado à China (Óleo de Soja)	% Brasil/Mundo (Óleo de Soja)	% Exportado à China (Farelo de Soja)	% Brasil/Mundo (Farelo de Soja)
1986	0%	3%	37%	11%	0%	27%
1987	0%	9%	15%	27%	0%	34%
1988	0%	10%	14%	19%	0%	29%
1989	0%	17%	33%	26%	0%	36%
1990	0%	15%	32%	23%	1%	30%
1991	0%	7%	19%	14%	0%	24%
1992	0%	13%	16%	17%	2%	29%
1993	0%	14%	4%	18%	0%	32%
1994	0%	17%	50%	29%	0%	33%
1995	0%	11%	54%	29%	0%	34%
1996	0%	10%	61%	28%	9%	36%
Média até 1996	0%	11%	31%	22%	1%	31%
1997	6%	21%	50%	19%	10%	30%
1998	15%	24%	17%	19%	12%	27%
1999	7%	22%	10%	21%	1%	27%
2000	16%	24%	11%	16%	1%	25%
2001	22%	27%	8%	20%	0%	26%
2002	27%	29%	20%	22%	0%	27%
2003	33%	30%	26%	25%	0%	26%
2004	34%	33%	37%	26%	0%	29%
2005	34%	34%	15%	26%	0%	25%
2006	45%	36%	11%	21%	0%	21%
2007	43%	32%	19%	19%	0%	20%
2008	49%	31%	31%	20%	0%	20%
2009	58%	35%	16%	34%	0%	21%
2010	64%	29%	61%	15%	0%	21%
2011	70%	39%	38%	18%	0%	22%
Média pós 1996	37%	26%	28%	21%	1%	26%

Fonte: Elaboração própria a partir de FAO apud Santos; Abrita, 2017

A dominância da soja em grão se manteve durante a década de 2010. Em anos recentes, no entanto, foi possível visualizar um aumento das exportações de farelo de soja no Brasil, sobretudo, a partir da safra de 2022 e

2023, consequência da queda de cerca de 50% da produção argentina devido à seca, onde o concorrente do Brasil foi obrigado a comprar a soja brasileira para cumprir seus contratos comerciais, tornando-se, por um breve período, o segundo maior importador da soja do Brasil, atrás apenas, evidentemente, da China (Colussi *et al.*, 2023). Diante disso, conforme a Tabela 3, houve um aumento das exportações de farelo de soja do Brasil. Apesar disso, ainda há uma grande disparidade em relação às exportações de soja *in natura*, conforme evidenciado na tabela.

Tabela 3 - Exportações de soja em milhões de toneladas (2019-2023)

Ano	Farelo de soja	Óleo de soja	Grão de soja
2019	9.71	0.73	51.17
2020	10.20	0.90	68.74
2021	10.05	0.89	66.21
2022	12.24	1.48	60.52
2023	12.97	1.73	72.47

Fonte: Elaboração própria a partir de Colussi *et al.*, 2023

A partir das estatísticas coletadas, foi possível constatar a forte presença do Brasil nas exportações mundiais de soja em grão, farelo e óleo. No entanto, com o advento da Lei Kandir, em 1996, os produtores passaram a privilegiar as exportações de soja em grão, em detrimento do farelo e do óleo, que possuem maior valor agregado, e devido à esse fator, seriam de grande importância para o aumento da participação brasileira no setor (Coronel *et al.*, 2008).

Além dos efeitos da Lei Kandir, o aumento das exportações de farelo e óleo de soja no Brasil também enfrentam obstáculos no âmbito externo. De acordo com Coronel *et al.* (2008, p. 31),

Um dos grandes obstáculos que as exportações de soja enfrentam diz respeito às barreiras tarifárias e não-tarifárias que os principais mercados impõem. Esse é um dos grandes desafios que o Brasil vai ter que superar, e aí reside a importância de órgãos como a OMC, que tem como um de seus objetivos promover o livre comércio e o desenvolvimento das nações.

Além dos fatores externos, alguns aspectos internos, que são passíveis de otimização, também dificultam o aumento das exportações do complexo da

soja, como por exemplo, os custos de produção e a ausência ou baixa integração dos elos da cadeia produtiva. Neste sentido, aperfeiçoar esses fatores e investir na produção de farelo e óleo de soja se tornam ações fundamentais para o contínuo crescimento e aumento da competitividade das exportações de soja do Brasil (Coronel *et al.*, 2008).

4 OS NÚMEROS SIGNIFICATIVOS DO BRASIL NO MERCADO DE SOJA E A DEPENDÊNCIA PARA O MERCADO CHINÊS

Diante do alto crescimento populacional e de padrões de vida na China desde os anos de 1990, o país passou a liderar as estatísticas como principal destino da soja brasileira. Além do país asiático, que figura no topo dos levantamentos realizados, a Europa também aparece como um destino consolidado para as exportações brasileiras da commodity, apesar de possuir números de importações consideravelmente inferiores, comparados aos chineses.

Devido à essa imensa diferença estatística entre a China e os outros importadores da soja brasileira, é válido analisar a dependência do país em relação a um único mercado neste setor, algo que vem se formando desde o final dos anos de 1990 e tem aumentado nos últimos anos. De acordo com Colussi et al. (2024, p. 1, tradução nossa),

Nos últimos cinco anos, o Brasil tornou-se extremamente dependente da demanda de importação chinesa; 73% da soja exportada pelo Brasil foram para a China, no caso dos Estados Unidos, cerca de 51% da soja estadunidense teve como destino o país asiático. A menor dependência dos Estados Unidos em relação às exportações para a China permite uma maior diversificação em comparação com o Brasil.

Conforme comentado no capítulo anterior, essa conjuntura é o resultado da junção de fatores internos e externos relacionados aos tributos nacionais e internacionais presentes no mercado da soja e a própria dinâmica presente na cadeia produtiva da commodity. Ademais, é importante ressaltar outros fatores políticos que também fazem parte dessa dinâmica da soja, como as recentes guerras comerciais entre a China e os EUA, que impactam significativamente a economia internacional, inclusive o mercado da oleaginosa. Outro ponto de impacto no comércio da commodity nos últimos anos foi a pandemia de COVID-19 (2020-2023), que também será destacada ao longo deste capítulo.

4.1 Os impactos da pandemia de Covid-19 para a produção brasileira e o mercado internacional de soja

A pandemia de Covid-19, “uma doença respiratória causada pelo novo coronavírus SARS-CoV-2, potencialmente grave e com elevado poder de transmissibilidade” (Souza, 2022, p. 14), teve início em março de 2020 e trouxe enormes impactos sociais, econômicos e de saúde em todo o mundo.

A agricultura, ligada ao agronegócio, foi fundamental no enfrentamento aos impactos econômicos causados pela pandemia de Covid-19 no Brasil. Diante do crescimento da demanda externa e da alta do dólar, a soja liderou em recordes de exportações do país (Souza, 2022). Apesar dos números expressivos no mercado internacional, a exportação massiva de soja impactou negativamente a economia interna devido à escassez da oleaginosa, encarecendo a produção de soja em óleo e a fabricação de biodiesel (Etene, 2021 *apud* Souza, 2022).

Diante das incertezas econômicas geradas pela crise de Covid-19, houve a elevação dos preços mundiais das commodities agrícolas, sobretudo a soja (Tothova 2011 *apud* Souza, 2022). Nesta conjuntura, a fim de evitar problemas sanitários com características semelhantes no futuro e garantir a oferta de alimentos que atendam padrões de segurança alimentar, as cadeias agroalimentares receberam diversos investimentos em políticas de curto-prazo e em termos estratégicos (Soendergaard et al., 2020 *apud* Souza, 2022).

No mercado interno, de acordo com dados da CNA (Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil), coletados por Souza (CNA, 2022 *apud* Souza, 2022, p. 24),

[...] a queda esperada no faturamento da soja foi de 3,67%, o que estimou um resultado em 10,37% menor em produção, visto os preços reais 7,47% maiores na comparação entre janeiro a março de 2021/2022.

No que se refere aos preços internacionais, com base nos dados da soja do CEPEA (Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada), recolhidos por Souza (2022, p. 24),

[...] no primeiro trimestre de 2022 evidenciou-se que as cotações tiveram alta no mercado nacional atingindo os maiores patamares nominais da série histórica do Cepea, iniciada em 1997. Os preços sofreram influência da demanda nacional e internacional aquecidas e pela menor oferta na América do Sul.

Diante da alta demanda internacional, houve um aumento expressivo da produção de soja em todo o mundo. Na safra de 2020/2021, a produção global girou em torno de 342 milhões de toneladas. O Brasil correspondeu a cerca de 135 milhões de toneladas deste montante (Bayer, 2022 *apud* Souza, 2022). A Tabela 4 apresenta em detalhes a produção de soja na safra de 2020/2021 em níveis brasileiros e globais.

Tabela 4 - Safra de Soja em números (2020/2021)

Soja	Produção	Área Plantada	Produtividade
Produção global	362,947 milhões de toneladas	127,842 milhões de hectares	-
Brasil (maior produtor mundial)	135,409 milhões de toneladas	38,502 milhões de hectares	3.517 kg/ha
EUA (2º maior produtor mundial)	112,549 milhões de toneladas	33,313 milhões de hectares	3.379 kg/ha
Mato Grosso (maior produtor brasileiro de soja)	35,947 milhões de toneladas	10,294 milhões de hectares	3.492 kg/ha

Fonte: Elaboração própria a partir de dados obtidos da Embrapa/Soja, 2021 *apud* Souza, 2022.

No que se refere às estimativas da safra de 2021/2022, apesar das expectativas positivas inicialmente, houve um decréscimo de cerca de 10% comparado ao período anterior, totalizando cerca de 125,6 milhões de toneladas. Isso ocorreu, devido às condições climáticas adversas registradas em diversos Estados líderes em produção, sobretudo no Paraná, Santa Catarina e parte do Mato Grosso do Sul (Brasil, 2022). Ainda assim, são números consideráveis, que demonstram o forte impacto que a commodity e seus subprodutos possuem na balança comercial brasileira.

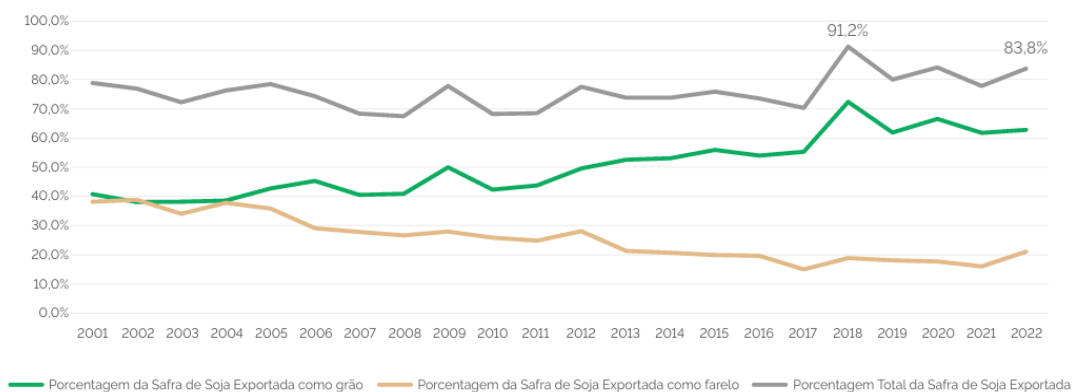
4.2 Principais destinos da soja brasileira e a alta demanda chinesa

A produção mundial da soja e sua consequente comercialização é altamente concentrada em poucos países. De acordo com o Ministério da Agricultura e Pecuária, “Somente quatro países foram responsáveis por cerca de 85% da produção mundial do grão oleaginoso ao longo de todos os anos deste século: Brasil, Estados Unidos, Argentina e China” (Brasil, 2024, p. 7).

No caso brasileiro, a produção cresce para atender à enorme demanda pelo grão, fortalecida ao longo das últimas décadas. “Em todo esse século XXI, praticamente 70% ou mais da produção de soja brasileira de soja em grãos foi exportada, seja na forma de grãos ou como de farelo” (Brasil, 2024, p. 8).

No início do século XXI, a exportação de soja brasileira, que girava em torno de 80%, era distribuída em 40% de soja *in natura* e 40% em farelo. Nos anos subsequentes, a participação do farelo de soja foi reduzida constantemente, chegando a menos de 20% (Brasil, 2024). Em contrapartida, a soja em grão recebeu um aumento expressivo nos números exportados, chegando a 91,2% em 2018, conforme o gráfico abaixo.

Gráfico 2 - Porcentagem da Safra de Soja em Grãos Exportada



Fonte: Brasil, 2024, p. 9

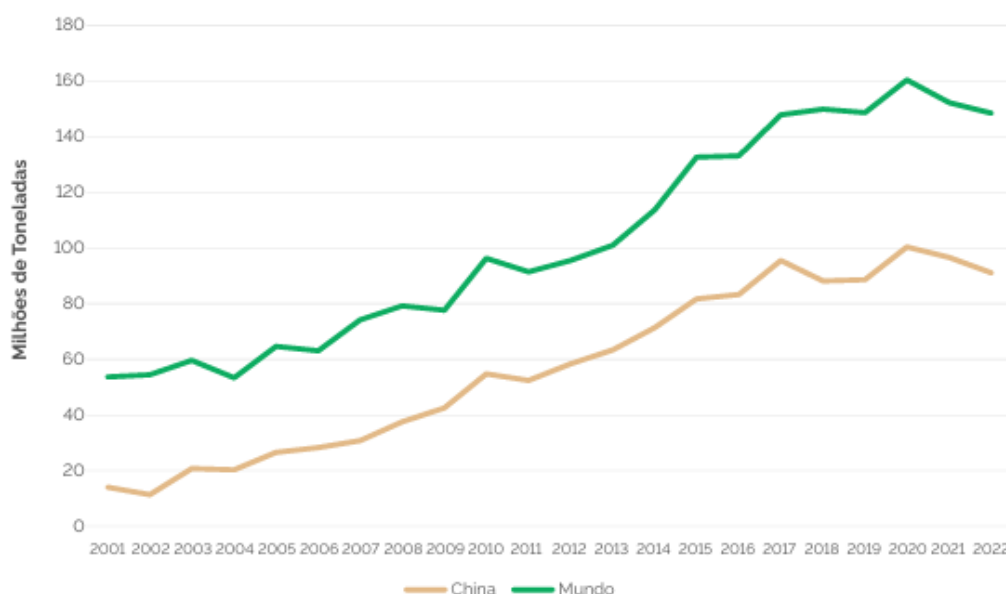
A predominância da soja em grão, envolve diversos fatores, como a alta demanda pela oleaginosa *in natura*, sobretudo pela China, que pratica escalada tarifária, onde produtos com maior nível de processamento recebem maiores taxas de tributação na importação. O gráfico *Demanda Mundial e Chinesa por Importações de Soja em Grãos no Século XXI* torna evidente a

grande importância que o gigante asiático possui no aumento das importações mundiais de soja em grão nas últimas décadas (Brasil, 2024). As transformações do mercado mundial de soja são salientadas, segundo as informações do Ministério da Agricultura e Pecuária (Brasil, 2024, p. 9),

No início do século XXI, a União Europeia era a principal importadora de soja em grãos do Brasil, com 60% de participação. Outros grandes importadores foram: China (19,8%), Japão (5,0%), Reino Unido (3,3%), Irã (2,8%).

Em 2001, a China importou 13,9 milhões de toneladas das 53,7 milhões de toneladas importadas pelo mundo. No transcorrer dos anos deste século, essa participação vai subindo, vindo a suplantiar 50% do comércio mundial do grão em 2009 e atingindo porcentagem próxima ou superior a 60% do comércio mundial do grão nos últimos onze anos.

Gráfico 3 - Demanda Mundial e Chinesa por Importações de Soja em Grãos no Século XXI

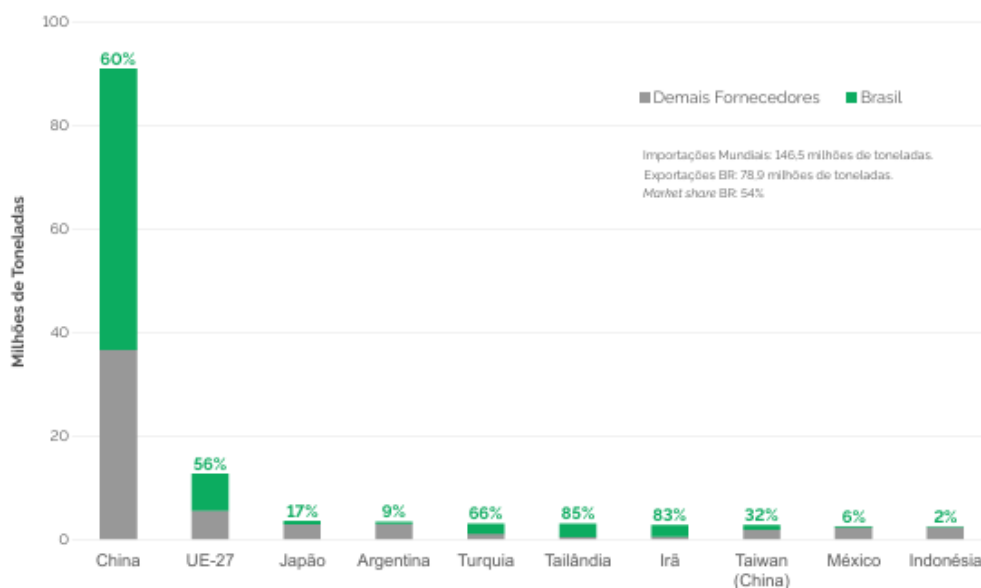


Fonte: Brasil, 2024, p. 10

A partir do gráfico abaixo, é possível visualizar em detalhes o mercado desbalanceado da soja, em vista da enorme participação da China nas importações mundiais do produto. Com base nos dados do gráfico, o Ministério da Agricultura e Pecuária comenta que,

A China teria o market share de 62,2% do comércio mundial do produto, sendo o Brasil responsável pelo fornecimento de 60% de tudo que o país asiático consome. O segundo maior mercado importador seria a União Europeia, com 12,6 milhões de toneladas importadas ou 8,6% das importações mundiais. No caso do bloco europeu, o Brasil é responsável por 56% de toda a soja importada.

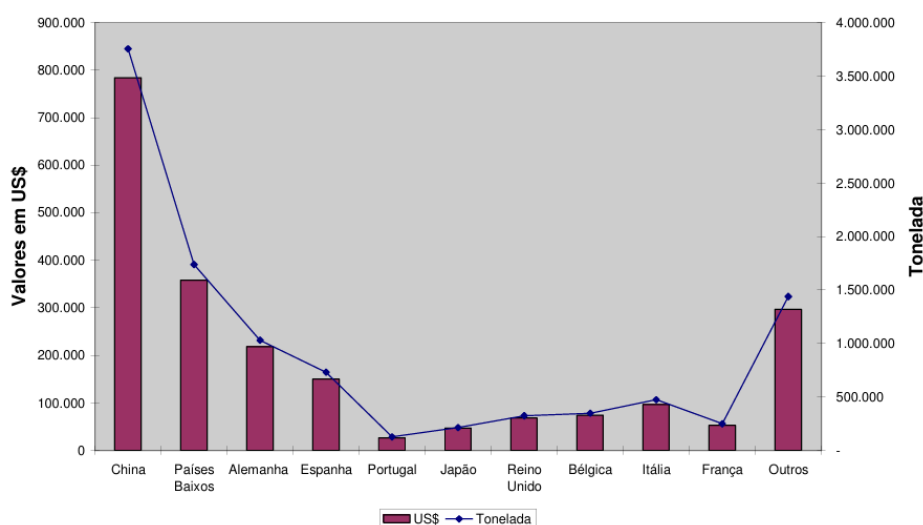
Gráfico 4 - Importadores Agrícolas Mundiais e Inserção Brasileira – Soja Em Grãos – 2022



Fonte: Brasil, 2024, p. 12

Nas análises em milhões de dólares, considerando apenas os dados brasileiros, a dominância chinesa em relação aos demais países também é destacada. Em 2008, a China importou cerca de 800 milhões de dólares em soja brasileira. Em segundo lugar naquele ano aparece os Países Baixos, com cerca de 400 milhões de dólares. Outros países da União Europeia possuem uma presença considerável nas estatísticas, além do Japão (Figura 3).

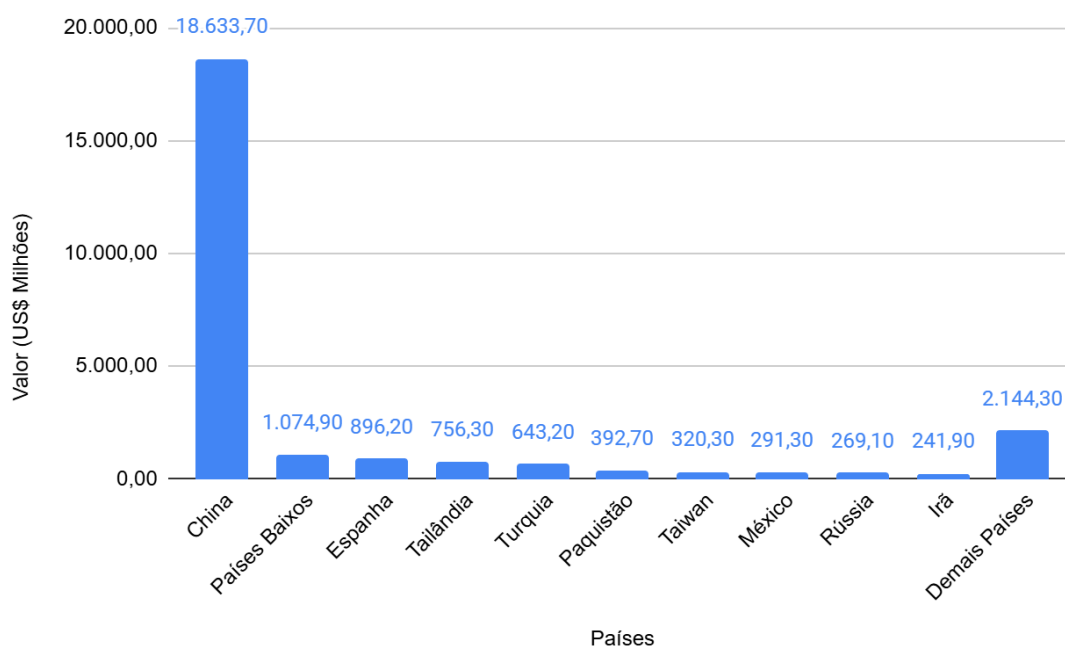
Figura 3 - Soja - Exportações Brasileiras (2008)



Fonte: FNP/SECEX/DECEX, apud Bento e Pirolla, 2008, p. 32

Em pouco mais de 10 anos, a distância da China para o segundo colocado aumentou exponencialmente, conforme levantamento de 2020, apresentado no Gráfico 5. Nos anos recentes, as importações da commodity pela China continuam aumentando, influenciada pelos já mencionados embates comerciais do país asiático e os EUA, concorrente direto do Brasil no mercado internacional de soja, fato que será analisado de forma detalhada em sequência.

Gráfico 5 - Destinos das Exportações de Soja Brasileira (2020)



Fonte: Elaboração própria por meio de dados obtidos de Formigoni, 2020

4.3 As disputas comerciais entre China e EUA e os impactos no mercado de soja mundial

As recentes disputas comerciais entre os EUA e a China impactam significativamente o mercado de soja, inclusive as exportações brasileiras, visto que a participação das exportações estadunidenses no mercado mundial da commodity são extremamente altas, tornando o país norte americano concorrente direto do Brasil neste mercado, junto da Argentina. Colussi *et al.*

faz a seguinte análise dos números das exportações americanas nas últimas duas décadas (2024, p. 2, tradução nossa),

Nas últimas duas décadas, as exportações de soja dos EUA aumentaram 94%, passando de 922 milhões de alqueires em 2004 para 1.789 milhões de alqueires em 2023. As exportações de soja dos EUA estagnaram desde 2016, com um volume médio anual de 1.993 milhões de alqueires. A duplicação aproximada das exportações ocorreu durante a primeira década e estacionou na segunda década.

A estagnação dos números coincide com o início dos embates comerciais com os chineses e ao período de ascensão brasileira à posição de maior exportador da commodity, fato ocorrido em 2013 (Colussi *et al.*, 2024).

Sobre às disputas comerciais entre os EUA e a China, segundo Colussi *et al.*, (2024, p. 3, tradução nossa)

As exportações brasileiras para a China dispararam para 70% em 2012 e atingiram o pico de 82% em 2018, coincidindo com a guerra comercial entre EUA e China. Em 2023, quando as exportações de soja do Brasil atingiram níveis recordes, 73% dos embarques foram destinados à China.

Importante citar que, antes da guerra comercial iniciada em 2018, durante o primeiro governo do presidente Donald Trump, as exportações de soja dos EUA para a China estavam em alta. De acordo com Colussi *et al.* (2024, p. 3, tradução nossa),

A participação das exportações de soja dos EUA destinadas à China aumentou de menos de 40% em meados dos anos 2000 para cerca de 60% a partir de 2011, até despencar para apenas 18% durante a guerra comercial em 2018. Desde então, a participação da China nas exportações de soja dos EUA aumentou, mas não se recuperou totalmente aos níveis anteriores à guerra comercial, ficando em uma média de pouco mais de 50% desde 2020.

A volta de Donald Trump à presidência, em 2025, significou a volta das tensões comerciais com a China. Desde o início de seu mandato em janeiro de 2025, Trump ameaçou aplicar tarifas sobre as importações chinesas de até 145%, enquanto a China ameaçou aplicar tarifas retaliatórias de até 125%. Diante deste novo cenário de tensão comercial entre os países, a China não comprou soja americana por dois meses seguidos (junho e julho), algo que não ocorria desde 2004 (Forbes Brasil, 2025).

Segundo o G1 (2025), em carta enviada ao presidente Donald Trump, a Associação Americana de Soja expôs que, após a aplicação das tarifas à China, o país asiático passou a substituir a soja norte-americana pela brasileira. Neste sentido, os produtores estadunidenses solicitaram ao presidente para que priorizasse o restabelecimento do comércio da commodity ao realizar as negociações comerciais com os chineses. Também vale citar que, no mesmo período, a Argentina removeu temporariamente os seus

impostos sobre exportações de grãos, o que fez com que a China também adquirisse soja em maior quantidade deste país (Forbes Brasil, 2025).

De fato, diante da nova disputa comercial iniciada em 2025, os números das exportações brasileiras de soja para a China aumentaram consideravelmente, tornando o país uma excelente alternativa para empresas chinesas que possuem alta demanda durante todo o ano. De acordo com o G1 (2025), “As compras de soja brasileira pela China realmente subiram, sendo 13,9% em julho, em comparação ao mesmo mês do ano passado, segundo dados divulgados nesta quarta-feira (20) pela Administração Geral de Alfândega do país asiático”. No que se refere aos números americanos, “Até julho, as exportações de soja dos EUA para a China caíram 51,29 %, o que equivale a US\$ 2,6 bilhões (R\$ 13,9 bilhões)” (Forbes Brasil, 2025).

A tendência é que a soja brasileira continue adentrando o mercado chinês, mesmo diante da colheita da safra americana, que costuma ter início no último trimestre do ano. Segundo informações da Bloomberg Línea (2025), com base em dados divulgados pela Mysteel, consultora chinesa de commodities, em agosto, eram esperados pelo mercado chinês cerca de 30 milhões de toneladas de soja brasileira até novembro de 2025. Ainda, de acordo com a consultoria Safras & Mercado, também informado pela Bloomberg Línea (2025), no início de agosto do mesmo ano, o Brasil ainda possuía cerca de 37 milhões de toneladas de soja, algo em torno de 22% da safra passada, ainda disponível para venda.

O aumento das exportações brasileiras de soja à China no período em que a alta temporada da soja estadunidense de 2025 se aproxima é um alerta aos produtores e ao governo americano. Conforme números informados pela Forbes Brasil (2025),

Até janeiro deste ano e desde 2009, as exportações de soja dos EUA para a China ultrapassaram US\$ 1 bilhão (R\$ 5,34 bilhões) em cada um dos quatro meses da temporada de pico – de outubro a janeiro – em 54 dos últimos 62 meses. Todas as exceções, exceto uma, ocorreram no primeiro mandato de Trump. A outra foi um total de US\$ 991,92 milhões (R\$ 5,30 bilhões) em dezembro de 2023.

Diante desta conjuntura no mercado internacional de soja, a tendência é que o Brasil continue obtendo números expressivos de exportação da commodity, sobretudo para a China. No entanto, esta movimentação no mercado fortalece ainda mais a posição de dependência das exportações de soja do Brasil em relação ao mercado chinês. De acordo com Colussi *et al.* (2024, p. 1, tradução nossa),

Nos últimos cinco anos, o Brasil se tornou altamente dependente da demanda de importação chinesa; 73% da soja exportada pelo Brasil foi destinada à China, em comparação com uma média de 51% para os Estados Unidos. A menor dependência dos Estados Unidos em relação às exportações para a China permite uma maior diversificação em comparação com o Brasil.

Diversificar seus clientes é algo essencial no comércio internacional. A dependência para o mercado chinês desenvolvida ao longo das últimas duas décadas, tem sua origem na demanda incomparável que o gigante asiático possui frente aos demais países importadores. Neste sentido, a própria China busca diminuir sua dependência de importações de alimentos, inclusive a soja. Esse objetivo foi estabelecido na política governamental do país, por meio do seu XIV Plano Quinquenal da China. Além disso, há indicativos de que o XV Plano Quinquenal, que terá início em 2026, também seguirá essa finalidade. Ambos serão discutidos de forma detalhada no capítulo seguinte.

4.4 As alternativas do mercado de soja brasileiro frente à dependência das importações chinesas e o papel dos Planos Quinquenais da China

A relação política e econômica entre o Brasil e a China é longa e tem dado bons resultados para ambos os países, tornando-se uma parceria estratégica em diversos setores. Segundo o CEBRI (Centro Brasileiro de Relações Internacionais) (2021, p. 7),

Nos anos 90, por exemplo, o Brasil foi o primeiro país do mundo a ser considerado um parceiro estratégico pela China, e a ambição para a construção de uma relação sólida pode ser ilustrada pelo lançamento do China-Brazil Earth Resources Satellite (CBERS), programa de cooperação em satélites, um tema sensível devido às questões tecnológicas e pouco habitual entre países em desenvolvimento. Além dos inúmeros exemplos de cooperação setorial implementados bilateralmente, a força da relação sino-brasileira se lastreia, tradicionalmente, na complementaridade.

Desde a fundação da República Popular da China, em 1949, o país estabelece os chamados Planos Quinquenais, onde são definidas metas políticas, sociais e econômicas a serem alcançadas dentro de um período de 5 anos. Os planejamentos de 5 anos são desenvolvidos com base nos desafios vivenciados pelo país em cada período, levando em consideração aspectos macroeconômicos, industriais, tecnológicos, questões de segurança nacional, comércio exterior e diplomacia.

Deste modo, o XIV Plano chinês, que abarca os anos de 2021 a 2025, trouxe como medidas na área da agricultura a diminuição da dependência

externa no setor e a busca pela agricultura de baixa emissão, visando cumprir metas ambientais que também estão presentes na área industrial (CEBRI, 2021). No que se refere ao XV Plano Quinquenal do país, em estágio final de pesquisa e planejamento, há a expectativa de que parte dos propósitos estabelecidos no plano anterior se mantenham, sobretudo na área da agricultura. Segundo a consultoria Dezan Shira & Associates (2025),

Embora o país tenha se recuperado em grande parte do impacto da pandemia de COVID-19, a memória de alguns dos piores resultados da pandemia, como grandes perturbações econômicas e sociais, crises na cadeia de suprimentos e pressão sobre as indústrias domésticas, continuará a moldar a política econômica por muitos anos.

Neste sentido, é esperado para os próximos anos a continuidade das políticas chinesas de diminuição da dependência de importações de commodities agrícolas, gerando incertezas sobre a exportação de soja brasileira para o país em médio e longo prazo. Há, no entanto, alternativas que podem ser exploradas pelo governo brasileiro a fim de contornar esse cenário. Essas alternativas, visariam aproveitar o crescente interesse em políticas econômicas ambientalmente sustentáveis objetivadas pelo gigante asiático, o que poderia gerar a abertura de novos mercados de maior valor agregado para o Brasil, em especial, ao se comparar com o comércio da soja, sobretudo, a oleaginosa *in natura*, produto com um valor agregado consideravelmente baixo.

As alternativas, teriam como base a economia verde. De acordo com o CEBRI (2021, p. 12),

A relação de trocas entre Brasil e China persiste majoritariamente voltada para pautas tradicionais, como commodities, com capacidade de expansão para o comércio verde, setores como etanol, geração de energia elétrica, painéis fotovoltaicos e equipamentos industriais e agrícolas de baixa emissão. Além do poder do agronegócio brasileiro, há algumas lacunas que poderiam ser preenchidas nesse sentido, como a elaboração de um acordo de livre comércio para a economia verde, a simplificação de barreiras alfandegárias para produtos de baixa emissão, acordos para a produção conjunta de tecnologia verde, liderança conjunta na cooperação Sul-Sul no assunto, investimentos em bio materiais e biocombustíveis, e aproveitamento de economias de escala por meio da conexão entre cadeias produtivas.

A partir disso, a diversificação da economia brasileira, adentrando o setor da biotecnologia, como exemplo, traria benefícios não somente para o comércio bilateral com a China, mas também para o mercado internacional do

Brasil como um todo. Assim, para contornar os problemas que as exportações de soja podem ter, diante de seu baixo valor agregado e de uma possível diminuição das importações chinesas, é preciso ir além da soja em grão, e investir em todo o complexo produtivo da commodity.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como intuito analisar o percurso histórico e econômico da produção e exportação de soja no Brasil, considerando o papel do modelo agroexportador durante a história do país, e com foco no estabelecimento da China como principal mercado de destino das exportações da oleaginosa, buscando comentar sobre os impactos e riscos decorrentes dessa crescente dependência. A análise ocorreu por meio do entendimento histórico da economia brasileira, aliada à obtenção e interpretação de dados comerciais sobre as exportações brasileiras ao longo dos séculos, e sobretudo da soja, a partir de 1970.

Durante a sua história, o Brasil teve como base o modelo agroexportador em sua economia internacional, onde diversas commodities, como o açúcar, os metais preciosos e o café, foram as bases da economia. Com o fomento da soja no mercado internacional, principalmente a partir da década de 1970, o país passou a fortalecer a produção deste produto. Neste sentido, a soja brasileira atingiu um grande sucesso no exterior, sobretudo, através de inovações tecnológicas (como as da Embrapa) e a expansão do cultivo em grandes quantidades de terras do país, principalmente no Sul e no Centro-Oeste.

Com a ascensão chinesa, a partir dos anos de 1990, o país asiático se tornou o principal importador de soja no mundo por ampla margem, absorvendo uma parcela imensa da soja brasileira anualmente nos últimos 20 anos. A dependência para o mercado chinês, aliada à dominância das exportações de soja em grão, produto de menor valor agregado comparado ao farelo de soja, o óleo de soja e outros produtos da cadeia produtiva da commodity, expõe o Brasil a riscos de volatilidade de preços e a vulnerabilidades em cenários de tensões comerciais, como as disputas econômicas entre China e EUA, e à cenários humanitários, como o caso da pandemia de Covid-19, em 2020.

Diante deste cenário, se faz necessário ampliar e investir na promoção de outros produtos brasileiros dentro do escopo da soja, como o biodiesel, por exemplo, especialmente, ao considerar o cenário global de busca por políticas

da economia verde. Diversificar a pauta exportadora do país é fundamental, e o complexo sistema produtivo da soja oferece diversas possibilidades.

Em suma, o Brasil consolidou sua posição como potência global no agronegócio, com a soja como um dos principais motores desse avanço. Contudo, a análise da pauta exportadora demonstra que o grande crescimento da produção e da receita convive com a vulnerabilidade gerada pela concentração das exportações para o mercado chinês e com o prevailecimento da exportação do grão in natura. Para diminuir os riscos e potencializar o retorno econômico no setor da oleaginosa, futuras pesquisas devem ter como foco políticas públicas que incentivem a industrialização do complexo soja e a diversificação do mercado comprador, visando uma inserção global sólida e menos volátil para o agronegócio do país.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENTO, R. M.; PIROLLA, M. L. O Brasil e a soja: sua história e as implicações na economia brasileira. 2008. 44 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Administração) - **Centro Universitário Eurípides Soares da Rocha**, Marília, 2008. Disponível em: <https://aberto.univem.edu.br/bitstream/handle/11077/493/O%20Brasil%20e%20a%20soja%3A%20sua%20hist%C3%B3ria%20e%20as%20implica%C3%A7%C3%B5es%20na%20economia%20brasileira.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 28 ago. 2025
- BLOOMBERG LÍNEA BRASIL. **Impasse EUA-China aumenta protagonismo do Brasil nas exportações de soja**. [S. l.], 27 ago. 2025. Disponível em: <https://www.bloomberglinea.com.br/agro/impasse-eua-china-aumenta-protagonismo-do-brasil-nas-exportacoes-de-soja/>. Acesso em: 25 nov. 2025.
- BRASIL. Ministério da Agricultura e Pecuária. **Produção de grãos atinge recorde na safra 2021/22 e chega a 271,2 milhões de toneladas**. Brasília, DF, 8 set. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/noticias/2022/producao-de-graos-atinge-recorde-na-safra-2021-22-e-chega-a-271-2-milhoes-de-toneladas>. Acesso em: 18 nov. 2025.
- BRASIL. Ministério da Agricultura e Pecuária. **Soja em grão**. Brasília, DF: Ministério da Agricultura e Pecuária, Secretaria de Comércio e Relações Internacionais, 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/relacoes-internacionais/Sojaemgrãos.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2025
- CARLOTTO, M. F. R. C. O caráter específico dos modelos de desenvolvimento econômico. In: **ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH-SP, 25., Brasil República (1901-2020), Historial, desigualdades & diferenças**. [S. l.]: ANPUH-SP, 2020. Disponível em: https://www.encontro2020.sp.anpuh.org/resources/anais/14/anpuh-sp-erh2020/1596510364_ARQUIVO_fcd83d6f6808c010e07ca0954b7bb695.pdf. Acesso em: 11 set. 2025
- CENTRO BRASILEIRO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS (CEBRI); EMBAIXADA DA REPÚBLICA POPULAR DA CHINA NO BRASIL. **XIV Plano Quinquenal da China: perspectivas para a Cooperação Sino-Brasileira**. Rio de Janeiro: CEBRI, 2021. Disponível em: <https://cebri.org/media/documentos/arquivos/XIVPlanoQuinquenalDaChinaPersp.pdf>. Acesso em: 11 nov. 2025
- COLUSSI, J. et al. Brazil Breaks Soybean Export Record and Displaces Argentina in the Global Soybean Meal Market. **farmdoc daily**, Urbana-Champaign, v. 12, n. 161, 6 Sept. 2023. Available at: <https://farmdocdaily.illinois.edu/2023/09/brazil-breaks-soybean-export-record-and-displaces-argentina-as-the-leading-global-exporter-of-soybean-meal.html>. Accessed on: 26 nov. 2025.

CORONEL, D. A. et al. Exportações do complexo brasileiro de soja: Vantagens comparativas reveladas e orientação regional. **Revista de Política Agrícola**, 2008. Disponível em: <https://seer.sede.embrapa.br/index.php/RPA/article/view/434>. Acesso em: 15 set. 2025

DEZAN SHIRA & ASSOCIATES (China Briefing). **China's 15th Five-Year Plan: What We Know So Far**. China Briefing, [S. l.], 6 nov. 2025. Disponível em: <https://www.china-briefing.com/news/chinas-15th-five-year-plan-what-we-know-so-far/>. Acesso em: 23 nov. 2025.

EXAME AGRO. **Cerrado gera 60% de toda a produção agrícola do país. Você sabia?** Exame, 8 maio 2024. Disponível em: <https://exame.com/agro/cerrado-gera-60-de-toda-a-producao-agricola-do-pais-voce-sabia/>. Acesso em: 03 nov. 2025.

FERREIRA, André Barbosa Ribeiro et al. O agronegócio no Brasil: uma breve revisão histórica e conceitual. **Revista Interdisciplinária de Estudos Agrários**, [S. l.], n. 50, p. 67-90, 1. sem. 2019. <https://www.ciea.com.ar/web/wp-content/uploads/2019/12/Barbosa.pdf>. Acesso em: 08 out. 2025.

FIGUEIRA, Sergio Rangel Fernandes; GALACHE, Vinicius de Oliveira. Análise comparativa da competitividade das exportações de soja em grão do Brasil, Estados Unidos e Argentina. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, Brasília, v. 61, n. 1, e245403, 2023. DOI: 10.1590/1806-9479.2021.245403. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/resr/a/NLv7LsJpTPY3mT4ZFvSvjVP/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 05 nov. 2025

FORBES BRASIL. **O que significa o abismo comercial aberto pela China ao dizer 'não' à soja dos EUA?** Forbes Agro, São Paulo, 3 out. 2025. Disponível em: <https://forbes.com.br/forbesagro/2025/10/o-que-significa-o-abismo-comercial-aberto-pela-china-ao-dizer-nao-a-soja-dos-eua/>. Acesso em: 26 nov. 2025.

FORMIGONI, I. **Maiores importadores de soja do Brasil**. Farmnews, [S. l.], 25 jul. 2021. Disponível em: <https://farmnews.com.br/mercado/maiores-importadores-de-soja-do-brasil/>. Acesso em: 15 nov. 2025.

FREITAS, M. C. M. de. A cultura da soja no Brasil: o crescimento da produção brasileira e o surgimento de uma nova fronteira agrícola. **Enciclopédia Biosfera**, Goiânia, v. 7, n. 12, p. 1-12, 2011. Disponível em: <https://www.conhecer.org.br/enciclop/2011a/agrarias/a%20cultura%20da%20soja.pdf>. Acesso em: 29 out. 2025.

FURTADO, Celso. **Formação econômica do Brasil**. 32. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005. <https://www.unirio.br/cchs/ess/Members/morena-marques/formacao-social-do-brasil/Celso%20Furtado%20-%20Formacao%20Economica%20do%20Brasil.pdf>. Acesso em: 07 nov. 2025

LOAYZA, A. C. V.; REIS, M. V. S. dos; JESUS, F. R. de. Evolução dos indicadores da produção de soja no Matopiba. **Revista Observatorio de la Economía Latinoamericana**, Curitiba, v. 21, n. 12, p. 27824-27845, 2023. DOI: 10.55905/oelv21n12-234. Disponível em: <https://ojs.observatoriolatinoamericano.com/ojs/index.php/olel/article/download/2055/1864/6830>. Acesso em: 30 out. 2025

SANTOS, A. S. dos; ABRITA, M. B. **Complexo da soja no Brasil, consequências da Lei Kandir e da parceria com a China**. [S. l.: s. n.], [2014]. Disponível em: <https://arquivoee.rs.gov.br/wp-content/uploads/2014/05/201405277eeg-mesa15-complexosojabrasilleikandir.pdf>. Acesso em: 20 out. 2025

SANTOS, Reinaldo Pacheco dos; ARAÚJO, José Silvan Borborema. **Configuração econômica e territorial brasileira: o papel do modelo agroexportador**. In: Editora Científica, s.d. DOI: 10.37885/210504672. Disponível em: <https://downloads.editoracientifica.org/articles/210504672.pdf>. Acesso em: 20 set. 2025

SILVESTRE, J. G. H. O modelo agroexportador brasileiro: a experiência do descobrimento ao século XXI. 2022. Monografia (Graduação em Ciências Econômicas) – **Universidade Federal de Uberlândia**, Uberlândia, MG, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/34672>. Acesso em: 10 set. 2025

SIMONSEN, R. C. **História econômica do Brasil: 1500-1820**. 4. ed. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2005. Disponível em: <http://bdor.sibi.ufrj.br/handle/doc/182>. Acesso em: 21 set. 2025

SOUZA, S. S. A. de. A importância da soja na agricultura brasileira frente à pandemia da Covid-19. 2022. Monografia (Graduação em Engenharia Agrônoma) - **Universidade do Estado da Bahia**, Departamento de Tecnologia e Ciências Sociais, Juazeiro, BA, 2022. Disponível em: <https://saberaberto.uneb.br/bitstreams/38676aa1-a9dc-42a8-9191-d99d917ae535/download>. Acesso em: 11 nov. 2025

TOBACE, Ewerthon. **China supera Japão e torna-se a 2ª maior economia do mundo**. BBC News Brasil, 14 fev. 2011. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2011/02/110214_china_japao_economia_rw. Acesso em: 30 nov. 2025.

VIEIRA FILHO, J. E. R. A produção de soja e sua importância na economia brasileira. **Revista de Política Agrícola**, Brasília, v. 33, e01962, 2024. DOI: 10.35977/2317-224X.rpa2024.v33.01962. Disponível em: <https://rpa.sede.embrapa.br/RPA/article/view/1962>. Acesso em: 12 out. 2025

VOORA, Vivek et al. Soybean prices and sustainability (Global Market Report). Winnipeg: **International Institute for Sustainable Development (IISD)**, Feb. 2024. (Sustainable Commodities Marketplace Series). Disponível em: <https://www.iisd.org/publications/report/2024-global-market-report-soybean>. Acesso em: 01 nov. 2025.

WORLD BUSINESS COUNCIL FOR SUSTAINABLE DEVELOPMENT (WBCSD); SOFT COMMODITIES FORUM (SCF). **Soft Commodities Forum**

progress report: building transparent and sustainable soy supply chains.
Geneva: WBCSD, 2020. 20 p. Disponível em:
<https://docs.wbcsd.org/2020/12/WBCSD-Soft-Commodities-Forum-progress-report.pdf>. Acesso em: 02 out. 2025